

# REVISTA ALGARVIA



JANEIRO



# F I A L

## Fomento Industrial e Agrícola do Algarve, Lda.

LARGO DE S. LUIZ — FARO

Concessão oficial FORD no Algarve

Acessórios e peças para reparações (a maior existência da provincial)

Agência oficial dos pneus MABOR para todo o Algarve

OFICINA DE REPARAÇÕES

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Materiais de Construção Civil — Ferro, aços, chapas, arame, cimento, etc.

## Herculano Augusto Carvalhinho

Louças de Sacavém e Vista Alegre, Esmaltes, Alu-  
mínios, Vidros, Azulejos, Mozaicos

Produtos Refractários e de Grés, Banheiras, Acessórios  
Quartos de Banho e Materiais de Construção

Depositário no Algarve das Louças Sanitárias, Azulejos  
e Mozaicos da FÁBRICA DE LOUÇA DE SACAVÉM, Lda.

Teleg.: Herculano Carvalhinho  
107, Rua 18 de Junho, 109

Telef.: 175

O L H Ã O

Martinho da  
Ponte Jorge

Alfaiataria SPORT

L. GAGO COUTINHO  
LOULÉ

Casa Tabú

Modas

Fazendas

Camisaria

R. DE SANTO ANTÓNIO, 20

F A R O

J. Cumbrena  
Centeno de Sousa

Apresenta os seus artigos  
do último Modelo

MOTOS: Norton, Matchless,  
A. J. S., BSA, Velocette  
e Triumph

Com facilidades de pagamento

R. 1.º de Dezembro, 48  
FARO — PORTUGAL

# Empresa Industrial de Sabões Lda.

## PORTUGAL

Telef.: 83

LOULÉ



N.º 1 — Ano 1.º

Janeiro de 1950

Abulso 5\$00

## REVISTA ALGARVIA

Direcção, edição e propriedade de — Joaquim da Silva Marto

Redacção e administração — Rua Brites de Almeida, 18 — Faro

Composição e Impressão

Tip. Nascimento &amp; Macedo, Lda.

Cel. do Gelvão, 58-A — Lisboa — Telef. 38503

Administração de

Joaquim Augusto Correia



Toda a correspondência deve ser enviada ao administrador  
Rua Rodrigues Sampaio, 96-3.º Dt. — Lisboa

R. 185456

## O TURISMO EM FARO

por RAUL DE BIVAR WEINHOLTZ  
Presidente de Comissão Mun. de Turismo de FARO

Desde que foi resolvido, em parte, o problema do hotel em Faro, e dizemos, em parte, porque não passou muito tempo que se não verificasse que o actual hotel Aliança deveria ter sido mais amplo — mais quartos, maiores dimensões das suas salas — a cidade tem sido muito mais visitada e os turistas passaram a preferir fazer d'aqui o ponto de partida para as suas excursões na província, porque encontram no referido hotel mais conforto e bem estar, que só nos hotéis da Praia da Rocha e Pousada de S. Braz encontravam.

É evidente que muitas pessoas, principalmente as mais abastadas e que procuram aquelas lindas regiões para uns dias de descanso dos seus trabalhos, continuam a preferi-las, mas essas pessoas, em geral, descem até ao Algarve não para ver e admirar paisagens ou monumentos e sim retemperar forças e, principalmente no inverno, a não ser na longínqua Madeira, não encontram, noutro qualquer ponto, temperatura mais suave e, na maior parte das vezes, dias tão lindos! Mas os que desejam ver o Algarve, admirar a sua paisagem tão colorida e ale-

gre, os seus monumentos, embora poucos, preferem fazer o seu «quartel general» em Faro, não só pela facilidade de irradiação para toda a província, como ainda, apesar de pobre em monumentos, ser a terra do Algarve que pode apresentar maior número.

De maneira que o viajante que chega a Faro, antes de iniciar as suas excursões pela província, visita a cidade e vai às suas igrejas principais como a Sé, S. Francisco e Carmo — as mais ricas e interessantes — S. Pedro e Misericórdia. Depois visita os museus — o arqueológico-lapidar com interessantes e valiosas colecções e quadros; o Marítimo, muito completo; a colecção Ferreira d'Almeida e o Antonino, anexo à ermida de Santo António do Alto de cuja torre se pode admirar um dos mais belos e alegres panoramas do país — hoje em parte prejudicado pelo novo liceu mas que, espera-se, seja atenuado com o aumento da torre em mais uma dezena de metros. Visita também a Alameda João de Deus e os outros jardins.

A Comissão Municipal de Turismo todos os anos reserva uma das maiores verbas do seu reduzido orçamento para melhoramentos na Praia de Faro, e um dos mais apreciados foram as passeadeiras em betonilha que, espera-se, sejam completadas este ano,

## Porta-estandarte

A «Revista Algarvia» é apresentada por um Ribatejano! Perdoar-nos-hão os algarvios a liberdade tomada — conquistada por «mérito próprio», uma vez que de nós partiu a iniciativa!

Esperamos que o «mérito» seja bem compreendido e possa colher os aplausos de todos. Ribatejano é, também, o Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil do Distrito e a estima e consideração de que goza Sua Excelência em todo o Algarve — região tão linda que por ora conhecemos muito pouco — é testemunho incontestável de que os estranhos podem e bem velar pelos interesses das terras a que outros chamam sua...

Perdoem-nos a vaidade. E' que apresentamos «Revista Algarvia» para pugnar pelos seus interesses e jamais regatearemos os nossos esforços e os nossos sacrifícios para que a missão seja rigorosamente cumprida.

Os Algarvios ajudar-nos-ão! Temos essa certeza. E todos, irmãos em sentimentos belos, have-mos de construir obra que de todos mereça.

Todos serão recebidos de braços abertos, num amplexo amigo e sincero — e num só desejo:

— pelo Algarve e por Portugal!

▲

Fica feita a apresentação. Simples, sincera, modesta. Exactamente como pretendemos ser — porque esses atributos não são de menos valia, quando generosamente dados, a bem de todos:

— pelo Algarve e por Portugal!

Joaquim Augusto Correia



A Esplanada Miramar tem sempre a animação que a nossa foto documenta...

ligando os dois bairros com a «Esplanada Miramar» e ponte central. E já que aludimos aos dois bairros não queremos deixar de frisar quão prejudicial foi para o desenvolvimento da praia a ideia de fazer dois bairros, a cerca de 2 quilómetros de distância um do outro! Melhoramento que se faça num bairro é imediatamente reclamado pelo outro com a agravante de se julgar logo preferências ou favoritismos, quando a maior parte das vezes se trata de fazer uma obra boa e que só pode ser comportada no orçamento dum ano, em lugar de duas ruínas com o mesmo dinheiro.

As notícias vindas ultimamente nos jornais de que será para breve um facto a ligação por terra, em boas condições, para a praia, trouxe um justificado regosijo não só para os habituais frequentadores como ainda para toda a população da cidade que ante-vê, assim, uma possibilidade, de grande facilidade de acesso, portanto, de poder gosar, duma maneira económica, as delícias de banhos de costa e do rio, e ainda respirar bom ar ao mesmo tempo que distrai o

(Conclui na pág. 11)



# S O T A V E N T O

ROMANCE DE HUGO ROCHA

*Hugo Rocha, nosso pressado camarada, ilustre chefe da Redacção do «Comércio do Porto» e amigo dedicado da nossa Província, acaba de escrever o seu último livro — Solavento.*

*Enquanto a tinta da impressão se encontra fresca ainda, mantendo a obra um pouco em segredo, gostosamente oferecemos ao leitor um trecho do III Capítulo — A Revelação —, da IV Parte dessa obra encantadora que Hugo Rocha escreveu em homenagem à Província que, não sendo sua, tanto o encanta e seduz.*

«D. Teodora exercia a caridade ao sábado. Era nesse dia que a sua bolsa de senhora rica e piedosa se desentranhava com vinte esmolos de cinco centavos, zelosamente contadas e recontadas, não fosse o orçamento onerar-se-lhe com alguma moeda, por engano de contagem, deixada ir a mais. A pobreza da vila e seu termo — D. Teodora exigia que os beneficiados pela sua generosidade fossem, rigorosamente, dali, pois os forasteiros eram rechaçados, sistematicamente, como intrusos — sabia que o sábado era o dia do bodo da família Pires e não faltava, por nada deste mundo, à porta dos seus benfeitores. Que ninguém se adiantasse ou atrasasse, porém. D. Teodora determinara que o seu múnus de esmolar se exercesse entre as onze horas e o meio-dia e o seu amor aos horários não lhe consentia afastar-se um ápice do rigor a si mesma imposto. Quem se apresentasse mais cedo e não usasse a manha de se esconder, para não dar nas vistas da benfeitora, podia ter a certeza de que ficava sem o meio tostão. D. Teodora perdoava tudo, menos que lhe infringissem o regulamento. Quem se apresentasse mais tarde, já sabia que dava com o nariz na porta, inexoravelmente fechada aos retardatários.

Tinha a sua graça ver e ouvir, na rua ou na estrada, ao sábado, pela manhã, os mendigos de am-

bos os sexos, o coxo manca que manca, o cego a tactear a berma do caminho, aflitivamente, com o cajado, este arrastando-se, com a pressa a contrair-lhe o rosto sujo de barba hirsuta, aquele corrichando, com a sacola das côdeas a dar a dar.

— Ah, que fico, hoje sên o mêm tostanito da D. Teodora!

— Vão dar as onze e é aqui!

— Nossa Senhora me ajude, que nã chego a tempo!

— Ah, rico mêm tostanito, que, hoje, nã te vejo!

A's onze horas, solene, grave, ataviada como se fosse para uma festa, a consorte do sr. Fulgêncio Pires mandava abrir a porta pelo moço de dia ao armazém do marido e a chusma dos estropiados, dos mazelentos, dos macróbios sem eira nem beira, entrava, de roldão, para o pátio, um típiço pátio algarvio, com sua cisterna ao centro, toda florida de sardinheiras, junto da qual, numa postura de Rainha Santa estudada por uma oleografia de calendário, D. Teodora aguardava a malta dos míseros, de bolsinha bem apertada na sinistra. Daquela magote de esfarrapados e chaguentos, fedendo a desgraça e a podridão, erguiasse *una voce*, um coro de saudações e de lamurias, de orações e de louvores, que a benfeitora escutava, deferentemente, sem se impacientar.

— Bons dias, senhora D. Teodora!

— Avé Maria, chêa de graça, o Senhor é convosco, bendita sós vós...

— Dês salve a nossa benfêtor!

— Padre nosso, que 'tás no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso rênô, seja fêta a vossa vontade...

Com o olho experimentado e solerte, enquanto o coro exprimia a sua comoção e o seu júbilo, D. Teodora verificava se eram vinte, exactamente, as caras de fome que tinha pela frente. Era capaz de nomear, um por um, todos os mendigos a quem abria a porta. Cara nova que se atrevesse a aparecer no pátio era objecto, *in continenti*, dum inquérito minucioso e severo, como se se tratasse dum candidato à esmola da Junta. Depois,

quando os pobres se calavam e, automaticamente, estendiam a mão, D. Teodora depunha em cada palma em concha, à vez, a moedazinha de cinco centavos que iria mitigar necessidades e aliviar aflições. O contemplado agradecia, todo salamaleques, bichanava um elogio ou, as mais das vezes, uma reza — e o desfile da retirada efectuava-se, com ordem e compostura.

Havia, também, os mendigos alviçareiros, os que, na mira duma côdea extraordinária, não de dinheiro suplementar, que D. Teodora não transgredia, em caso algum, o regulamento da distribuição — vinte meios tostões por semana, nem mais um chave — e não alterava, em caso algum, as suas tradições de beneficência; havia, também, os que se compraziam, interesseiramente, em transmitir as mais recentes novidades, obtidas algures, graças ao trato com muita gente, pela semana fora, bate, hoje, aqui, bate, amanhã, ali, na calcorreada por montes do campo e moradias de cidade, vila ou aldeia. Esses, geralmente, ficavam para o fim, deixando que o grosso dos miseráveis se escoasse para a rua. D. Teodora percebia o manejo obreptício, demorava a entrega do óbolo ambicionado e fazia-se indiferente, por cálculo, à bichancrice dos onze-neiros.

— Sabe, senhora D. Teodori-nha...?

Ia ouvindo, todavia, tudo quanto lhe ciciavam ao ouvido. Era o seu instante mais gozoso, aquele em que dava e recebia. Então, sentia-se compensada do sacrifício feito. A troco de meio tostão, muitas vezes, informavam-na de coisas de que ela, personificação da curiosidade, nem sequer suspeitava. Por isso, orgulhava-se de ser a pessoa mais bem informada de São Brás de Alportel. Nem o Macário do «Quatro Olhos», atento a todas as emissões de rádio-telefonía, nem o sr. Satúrio Baena, ao balcão da farmácia, ou o sr. Tomé Bermudes, sempre metido na sacristia, podiam prezar-se de saber mais coisas do mundo do

(Conclui na pág. 22)



# No Centenário da Conquista de Faro

Quando no século XIII a milícia cristã dos nossos primeiros reis empurrou para o mar os sarracenos do Algarve, não foi somente a casa lusitana que se viu acrescentada com mais algumas praias e mais alguns frondosos laranjais:—foi todo um mundo velho, prisioneiro da terra na Europa e na Ásia, e desde sempre confinado nela pelas fronteiras do mar que, de Sagres, ia ser desafiado para a mais portentosa e transcendente aventura de toda a história humana.

Mas se a Nação veio correndo para o sul, foi porque estavam no sul os infieis. Lisboa, Santarém, Alcacer, Évora, Beja, Silves e Faro, uma vez conquistadas, não são apenas novos castelos do Rei: são, primeiro que tudo, sentinelas duma fronteira cristã, já que à Nação a moviam primeiro as razões da fé. Por isso agora, pôsto o Algarve no domínio português, nem mesmo o grande mar, medonho e monstruoso poderia impedir que os soldados do Rei o transpuzessem, procurando mais mundo para o reino de Deus.

Não tardou muito que, animadas e guiadas pelo Infante, algumas turmas de pescadores e lavradores-soldados, tacteando e rondando o mar imenso, forçassem finalmente, com as quilhas de

caravelas, a grande porta de sombra por onde a Renascença havia de passar como um deslumbramento.

Terra sagrada esta, onde um príncipe cristão poudes mudar todo o curso da História por um acro de fé! Onde o simples designio de *fazer mais cristandade* fez que o

mundo crescesse, e se entregasse todo, pela primeira vez, às tarefas da civilização e da cultura! Terra que bem devia ser de peregrinação para quantos se orgulham em qualquer latitude da longa caminhada que, nesses dois domínios já fizemos!

*Luís Vaz de Sousa*



---

## Assinantes no Estrangeiro

Por absoluta impossibilidade de cobrança, solicitamos aos nossos estimados assinantes residentes no Estrangeiro, o grande e especial favor de nos enviarem a importância das suas assinaturas, quer em cheques, quer em dinheiro de origem — que recambiaremos.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao nosso Administrador.

*Dr. Luiz Vaz de Sousa, Ilustre Governador Civil do Distrito*



# Algumas considerações sobre futebol...

Por ANIBAL GUERREIRO

O futebol algarvio! O futebol português! Problema sempre em equação, dentro das possibilidades que, nos clubes da modalidade, se oferecem.

Neste meio amadorismo, meio profissionalismo, em que se desenvolve a arte de pontapear, na nossa província, reflexo do que sucede em todo o país, temos que tecer louvores aos desportistas que tanto têm contribuído para marcar uma posição de certo destaque, quando quase tudo lhes falta.

Assim, sem escolas de jogadores, fontes de manancial renovante, para uma maior selecção, os clubes vêm-se reduzidos a uma primeira turma, com três ou quatro suplentes e a um agrupamentinho de júniores. Resultado: actualização em jogos de responsabilidade, muitas vezes, de jogadores «tocados», o que constitui um abaixamento de valor do conjunto.

Por outro lado, os terrenos «pelados» são impróprios para a prática futebolística. Além de tirarem à execução dos jogadores a eficiência, tantas vezes espectacular, são origem do desgaste de energias e motivo de acidentes.

Mas estes são problemas nacionais, não somente algarvios!

Convencidos estamos que as entidades que superintendem ao destino do desporto português, em breve procurarão remédio para tais males, especialmente fazendo derivar para fundos de manutenção de escolas de jogadores e arrelvamento de campos o que, aliás, já se encontra legislado — a maior parte das receitas líquidas dos jogos, hoje a caminho de impostos.

Vimos actuar no Estádio Nacional, «o melhor relvado do Mundo», como eles o classificaram, os argentinos do S. Lorenzo d'Almagro e o Racing, de Buenos Aires.

Ambos apresentaram em campo, além dos onze componentes da equipa, quase outros tantos suplentes. Quando se revesavam, nenhuma diferença se notava no conjunto. E que conjuntos! Quando verificamos a facilidade de captação do esférico, da execução das jogadas, desmarcação, potência de remate, certeza de colocação de bolas partidas de «cabeça», presas para alterarem o aspecto

faz-nos pensar a distância que nos falta percorrer. E quer-nos parecer que essa distância só diminuirá a partir do dia em que os clubes disponham dos principais meios para se obter tal objectivo — a constituição de verdadeiras escolas, com treinadores competentes, para a formação correcta dos novos praticantes, e o arrelvamento dos campos de jogos.

\* \* \*

Mas agora reparamos que nos pediram para escrevermos algo sobre o futebol algarvio. Sem querer desviarmos nos do lamiré.

Com dois clubes na I.<sup>a</sup> Divisão do Nacional e outros tantos na II, este ano continuamos bem representados.

O Olhanense continua sendo o maior sustentáculo do nosso «associaton», e a sua posição na tabela mostra, com clareza, que o velho onze da vila cubista, se manterá entre os primeiros.

Menos feliz, o Lusitano, parece em grande perigo quanto à possibilidade de baixar de divisão. No entanto, como ainda estamos na entrada da 2.<sup>a</sup> volta, o clube de Vila Real de Santo António pode recompor-se. Não há impossíveis e bastarão duas das chamadas «surda questão». E ao Lusitano não falta entusiasmo para tal.

Na II Divisão, temos um Portimonense que nos parece este ano de posse de menores recursos, em comparação com anteriores épocas. Alguns dos componentes da equipa mostram pouca mobilidade. Tanto poderá ser falta de treino, como de estímulo de adversários de categoria. De facto, a primeira parte do torneio levou-a de vencida, com facilidade impressionante, com um único revez, implicado pelo Farense, tendo-se este classificado em segundo lugar, sendo seu companheiro na que se segue.

O Farense dispõe de elementos quase todos novos, com pouca experiência ante adversários de maior «garra». No entanto é inegável que que possui um dos conjuntos que está produzindo um futebol agradável de seguir, e que poderá na próxima época, se mantiver o esforço até aqui dispendido, colher os frutos.

Como balanço, não nos parece que a presente época nos traga algo de sensacional. Talvez um pouco ao contrário. No caso do Portimonense não conseguir guindar-se ao primeiro posto da II Divisão e subir à I, o que nos parece muito difícil, pode acontecer assistirmos à descida do Lusitano e ficarmos com um representante somente, no grupo maior.



A classe do futebol algarvio está bem demonstrada nesta fotografia! Isaurindo, o valoroso guarda-redes do Lusitano, de Vila Real de Santo António, que tantas vezes chamou já a atenção da crítica, executa uma brilhante defesa, a remate olhanense.

O Algarve é centro desportivo de grande valor. E se no futebol — os seus jogadores sabem rematar, não é menos certo que os seus guarda-redes são, com justiça, dos melhores de Portugal!



## Homens do Algarve

# DUARTE PACHECO

## O Arquitecto da nova face de Portugal

Na sua ancestral sabedoria, por vezes mais própria das reminiscências do subconsciente do que motivada pelo raciocínio e prática da vida, costuma o povo dizer que o tempo é o grande mestre.

Nada mais certo do que essa afirmação, que os séculos consagraram e a realidade contemporânea a cada momento justifica.

Não me parece pretencioso considerá-lo também o verdadeiro crítico. Imparcial, subtil, sempre jovem, porque constantemente actualizado, a sua apreciação tudo envolve e o seu juízo é rigoroso.

Desaparecem as nacionalidades, caem, no fragor imenso da derrocada, os portentosos impérios, surgem os países, sobem aos píncaros da fama determinadas personagens, sossobram na luta da existência grandiosos vultos, e o tempo, aplicando sempre a sua lei, tanta vez inexorável mas de rectilíneo julgamento, lava silenciosa e friamente a sentença definitiva.

Não é necessária nenhuma invulgar agudeza mental, nem precisamos recorrer aos voos caprichosos de uma imaginação fantasta, para dizermos que se sente perfeitamente o lápis do destino escrever, em páginas de oiro, a consagração de um grande homem do nosso tempo.

Bem se lhe pode chamar o arquitecto da nova face de Portugal.

Desde há diversos anos que o país dá, tanto a quem nos visita como ao próprio cidadão despreocupado desta encantadora casa lusitana, uma impressão inesperada, por excepcional, de mocidade asseada e de franco optimismo construtivo.

São as barragens de enorme capacidade e extraordinários reflexos na economia pública e particular, as pontes magníficas de tanta utilidade como belesa, os cativantes bairros residenciais, as luxuosas estradas que hoje permitem viajar em qualquer direcção, a qualquer hora e sob quaisquer condições, transformadas em autênticas artérias, por onde circulam e se vivificam os impulsos de um país em plena vibração de vida estuante, atlética, confiante e prometedora.

Não houve pormenor esquecido

nessa ingente e portentosa tarefa eminentemente patriótica, profundamente sentimental, vincadamente humana.

Audaciosas concepções urbanísticas, em que não se sabe que mais admirar: se a originalidade dos planos, se a sua antecipação no tempo.

Até os velhos castelos, veneráveis marcos miliários da trajectória da nossa odisseia de nação independente e livre, renasceram, como a Fénix, para, em vez de uma saudade indefinida de épocas longínquas, se apresentarem aos nossos olhos na grandiosidade própria de uma presença histórica, varonil e protectora.

E quantas outras realizações levadas a bom fim, ficaram por citar nesta ligeira e desprestenciosa evocação!

E quantos outros empreendimentos não foram brutalmente inutilizados por aquele fatal de-

sastre que, num doloroso instante, arrancou da vida para o gravar no livro da história, um dos ministros mais geniais que Portugal tem tido?

Ficou, porém, o seu exemplo, que ainda é a melhor lição.

Estudar um problema, conscienciosamente. Resolvê-lo com energia inabalável, saltando por cima de meras, anacrónicas e prejudiciais formalidades burocráticas, parece ter sido uma das muitas virtudes daquele esclarecido homem de Estado.

Esta Revista, ao iniciar a sua publicação, não poderia deixar de se referir a um nome tão admirado da política portuguesa, que sobremaneira soube honrar a Província onde nascera, a Pátria em que trabalhou e a sociedade a cujo bem tudo ofereceu, até a própria vida, afinal.

A. GOMES





## POETAS ALGARVIOS

## Deslumbramento



De  
Victor  
Castela

Arco iris, Algarve, meu Algarve!  
Lindo faisão de penas azuladas...  
Terra bendita, país onde o sol arde  
E há neve em flor e moiras encantadas!

Farol do sul, casado com a espuma  
Das ondas que impuseram grandes medos,  
Terras pagãs, vencidas, uma a uma,  
A' claridade cristã de mil segredos...

Terra mourisca, Algarve, sentimento,  
Bandeira desfraldada ao sol e ao vento

Onde o sol, pelas tardes, vai, exangue,  
Caír à beira mar, num mar de sangue...

Terra do mar e o mar esposo da terra;  
Misteriosa núpcia em que se encerra

O cântico dos cânticos das ondas  
nas noites em que as moiras bailam rondas...

Teu Promontório Sacro, no mistério  
De quem traçou a rota dum Império,

Adormecido, ao fundo duma aldeia,  
Recorda a grande e mágica epopeia!

E ali, da «Fortaleza», na «Armação»,  
No quarto lua-cheia, a viração,

É mais mansa que a noite quando desce,  
É mais lenta que um lírio que floresce...

Algarve dos recortes Manuelinos,  
Das grutas e dos lagos pequeninos,

Em todo o Barlavento temerário,  
Debrum do «Mare Nostrum» milenário!

De vez em quando, a sombra da figueira,  
Liberta o caminhante da brazeira,

Aqui e ali, na sombra, pelo chão  
— Imagem do pecado e redenção...

Terra vermelha, terra-sotavento!  
Terra escrava do trigo, do alento...

Por isso tangem, gemem, muitas noras,  
Banhando a terra ardente, a altas horas...

E as hortas são lençol verde-escarlate  
Com frutos sazonados — «chocolate»...

A moça vai buscar a tigelinha  
— A deslizar, parece uma estrelinha

E vai à fonte ver o conversado,  
O seu «Manel», poeta e namorado!

Raminho na orelha, vai o moço;  
Vai de braço com ela — que alvoroço!

E larga a sedução, larga o feitiço,  
Que é mais lindo, com «fole», o seu derriço...

Rodam na dança, rodam de mansinho,  
Talvez contrariando o corridinho. .

. . . . .

E eu fico no meu barco, a meditar  
Em todo este cenário singular...

Na torre da ermida batem horas. .  
São cinco da manhã, Maria, choras?

Eu volto pela tarde, a vela içada  
No barco, com a gávea bem esticada!

Eu volto à terra mãe, filha dos céus  
Que, um dia, fecundou João de Deus!

Vítor Castela



Do livro

## A VARANDA DOS MEUS SONHOS

Tenho dito ao coração:  
— Coração, ama com jeito.  
E o maroto sem razão,  
Ama a torto e a direito...

Prefiro os cravos às rosas,  
As dalias aos malmequeres;  
Mas nada sei preferir  
Ao pé de certas mulheres.

Fitei um dia por graça  
Teus olhos cor de esperança...  
Agora, por mais que faça  
Não me saem da lembrança!

Desde que vi tuas mãos  
Noutras mãos entrelaçadas,  
No meu jardim de ilusões  
Só há rosas desfolhadas!

Alberto Marques da Silva

## Aprenda a GUARDA-LIVROS?

Então não deixe de adquirir

"Prepare o seu exame"

de

10 Pontos de Contabilidade

Joaquim da Silva Marfo

Edição da EDITORIAL JACK — Santarém

## Ourivesaria e Relojoaria

Fernando Laginha & Irmão, Lda.

RUA 5 D'OUTUBRO, 51 E 53 — LOULÉ



# Nótula à cerca de poesia algarvia

O facto de nos termos habituado, nas aulas de história, a ouvir falar de Portugal e do Algarve, reinos do monarca português, contribue decerto para que não estranhemos as designações: *revista algarvia*, *escritores algarvios*, *poesia algarvia*, assaz frequentes no Algarve e aceitáveis nas restantes províncias do país. Tanto mais que não está fora dos nossos hábitos falar ou escrever dos *escritores minhotos* ou *durienses* ou dos *artistas transmontanos* ou *ribatejanos* com a mesma precisa ideia de deferenciação com que empregamos as expressões similares respeitantes a algarvios.

Será que no quadro da paisagem humana de Portugal existe, na realidade, um tipo psicológico algarvio bem diferenciado do comum dos naturais das outras províncias portuguesas?

É possível que um estudo aprofundado e bem documentado deste tema chegasse a curiosas conclusões. E talvez que, numa análise da produção poética algarvia, se pudesse encontrar bons elementos para esclarecer e, quiçá, responder àquela pergunta.

Mesmo sem pretensões de regionalismo literário ou de bairrismo provincial, uma simples observação superficial permite apontar, em todos os líricos nascidos no Algarve, qualquer coisa de comum e caracteristicamente algarvia. Não nos referimos ao amor da terra natal, por demais evidente e natural em todos eles, como factor essencial desta observação. A sugestão dos temas regionais é lógica e significativa. Mas, sem que o busquem, por preocupação de originalidade, é evidente, entre os artistas algarvios, um certo espírito de independência intelectual que os não deixa serem seguidores deste ou daquele estilo ou moda literária. Recorde-se como João Deus, por exemplo, escapou ao contágio ultra-romântico sem ter ido tampouco nas águas do realismo.

A essa independência de espírito, verificável também ao individualismo dos contemporâneos, acresce, nos poetas algarvios, — e isso é característica comum — a *presença* do Algarve, que se manifesta, em todos, pelo amor da claridade, da luz e da cor que se respiram no ambiente e na paisagem da província e que, sem que talvez dêem por isso, lhes ilumi-

nam as melhores composições de todos eles.

Isso faz que, não sendo o Algarve uma terra de pintores, sejam os poetas os grandes pintores da região. Bernardo de Passos, João Lúcio, Cândido Guerreiro, Emiliano da Costa, para só citar os que se têm destacado, mais do que poetas, são os poetas-pintores da província natal. No último citado, até, como característica de modo predominante. Mas basta, como primeiro apontamento.

Joaquim Magalhães

## Antologia

### Aparição — Bernardo de Passos

Vens à tardinha, poisas a meu lado,  
E a tua voz murmura como um canto. .  
Ondeia em névoas de astros o teu manto...  
É um clarão do Além teu vulto alado!

Ergues nas mãos as rosas do Passado,  
Que ao seio apertas, lacrimosa,—enquanto  
Elas derramam, úmidas de pranto,  
O sangue dum amor crucificado .

Jardim lilás e oiro, a tarde finda,  
Toda a esfolhar-se em luz crepuscular...  
Vens quando é noite já e dia ainda...

Vens do enigma desta hora enternecida,  
Quando a tarde é um beijo a soluçar  
— Um beijo em pranto, como a nossa vidal  
(Do livro «Refúgio»)

### Na tarde de leite e rosas, ouvindo a floresta — João Lúcio

Tarde de leite e rosas. Cada aresta  
Tinha um rubi tremente:  
Fomos ouvir o canto da floresta,  
O seu canto de amor, ao sol poente.

Tu querias sorver os poderosos  
Lamentos de saudade e comoção  
Que as raízes, dos fundos tenebrosos,  
Mandavam, pelo ramo, para o chão.

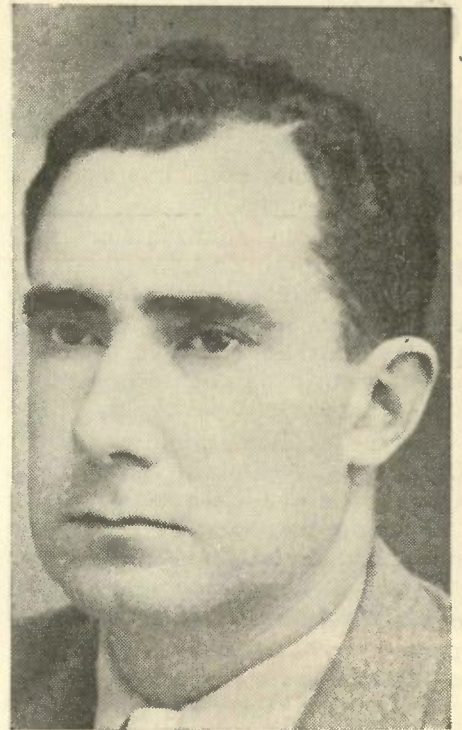
Opalescera já, o ar. O vento,  
Correndo atrás da sombra, murmurou...  
Sentiu-se um fechar de asas. Num momento  
A floresta cantou.

Em cada ramo um violino havia;  
Cada folha vibrava ágil, sonora,  
Par'cendo que escondia uma harmonia  
Nas sombras das ramagens, a Aurora.

Como a floresta, meu amor, eu tento  
Atirar o meu canto para a altura:  
Para fazer cantar, toca-lhe o vento.  
P'ra me fazer cantar, no pensamento,  
Passa o sopro da tua formosura.

(Do livro «Na Asa do Sonho»)

*Primeira Estrêla* — Cândido Guerreiro  
Sol-posto já de todo. Violetas  
Feitas de luz, imponderalizadas  
Tombam do céu nas altas cumeadas.  
E esfolham-se no rio d'águas quietas...



Riscam o ar de escuras silhuetas  
Os voos das andorinhas. Das arcadas  
Da velha ponte surdem as barcadas,  
E vêm florindo espuma as quilhas pretas...

Das verdes espessuras d'uma horta  
Emerge uma canção dolente, e corta  
A nudez melancólica da tarde...

É quase um eco, um som longínquo e brando...  
É a voz do crepúsculo cantando ..  
Syrius acorda ao alto, e treme, e arde...

(Do livro «Sonetos»)

### Largada — Emiliano da Costa

Parti para o País da bor,  
Num fluçado enlevo  
O coração a rir!

Casinhas brancas,  
Moínhos brancos,  
Mais gaivinas nevadas  
Como tu, meu Amor,  
Não batendo, batendo as asas,  
— Voando adeuses.

Singra na onda o meu anseio...  
Bromatismo de deuses!  
A serra de Monchique  
A reflectir-se ao largo  
Fica agitada  
P'los remos. palhetada,  
E acorda do letargo...

Adeus, adeus, batem as asas,  
A luz do sol batendo em cheio.  
E olhando ao sul,  
Olhando ao norte,  
De um lado o mar azul,  
Do outro o azul da Serra,  
Cheguei e descobri  
Dentro da Nossa Terra  
O que na terra nunca vi.

(Do livro «Cromo-Sinfonias»)



# Caça escassa!

(Conclusão da pág. 4)

enganado uma lebre, nos avistara no bico do serro.

— Vamos lá então a ver essas perdizes, amigo Zé Lua.

Mas o homem não era perdizeiro e já antes do meio-dia, mal as perdizes tinham começado a sair— um par em cada gochinha do mato—, puxava era para o povo:

— Que os dias eram umas migalhas. Que o caminho era longe. Que a ribeira levava muita água...

E nada de fazer parceria e de me trazer o cão.

Arreliado e porque não sabia o caminho, lá me resolvo a voltar para o povo, antes de ter começado a caçar...

O mariola, para me animar, ia-me moendo o bichinho do ouvido com esta:

— Deixe lá, que eu sei onde está uma lebre e ainda faz hoje o gosto ao dedo!

Lá que ele sabia de lebres, sabia! E a minha vontade de acreditar era muita...

Efectivamente, ao sairmos do mato para a terra mansa, já perto de S. Bartolomeu, mostra-me o Zé Lua uma aberta, estreita, seca, mas encapelada de erva:

— É nesta abeata que ela está!

Com dois como duas balas, eu não perdia um centímetro de chão. E, a certa altura, com o coração alvoraçado, vejo a uns três metros, no fundo da vala, duas orelhas que se empinam e ouço o ruído inconfundível duma peça de caça de pelo que se levanta.

Num tiro de chofre — que podia ser pior —, apanho a cabeça do bicho, em carga embalada embalada. O Lua correu a apanhar.

E quando eu encarava o meu companheiro, num misto de soberba e desafio, vejo o homem levar à cabeça a mão disponível, enquanto me dizia:

— Ah homem do diabo! que lá matou a coelha do Anastácio!

E era verdade. Explicou-me a mãe do Anastácio, a comadre Janeiras, que, em menos dum fósforo, desceu do montino, na altura, até junto de nós na terra chã:

— Pois ainda bem que o Senhor Compadre a matou — a magana tinha-se metido a brava e já umas 3 semanas que ninguém lhe prantava a vista em riba.

Tive que dar a coelha, que por sinal era malhada, e com mais

# Desporto e Turismo

PELO DR. LUÍS SABBO

Desporto e turismo, ideias até certo ponto interdependentes, unidas pelas naturais afinidades que têm e pelas finalidades que se propõem atingir na vida de qualquer agregado social moderno e actual.

Essa união é tanto mais forte se o local é dos privilegiados pela natureza, com clima e ambiente propícios e de fácil acesso pelas boas vias e meio de comunicação existentes.

Ora, precisamente é o Algarve, que esta Revista vai focar em vários dos seus aspectos, essa região escolhida para a prática do desporto e turismo, nomeadamente do primeiro, porque o turismo necessita de proximidade dos grandes centros urbanos, ou, para o seu desenvolvimento fácil, da aproximação de zonas de passagem para estes mesmos centros.

E assim, a ideia do desporto surge-nos em grande plano, nesta faixa de terra que se estende nomeadamente pelo litoral algarvio, torneando o Promontório de Sagres, com facilidades para a prática de tão variadas modalidades, que não será fácil deixar de sentir um forte constrangimento pelo desinteresse que a gente nova está a votar à causa desportiva.

Não nos propomos apreciar das razões de alheamento dos jornais, pela prática de todas e quaisquer dessas modalidades.

Afirmamos cabalmente, sem receio de desmentido, que tais razões, não são produto da falta de protecção por parte dos poderes públicos, nem por ausência de meios propícios para tal.

Nunca em Portugal se protegeu

dois mil réis por cima, para lhe comprar o silêncio...

\*

\* \*

E aqui tem V., Marto amigo, como é verdadeiro o título que dei a esta despreocupada epístola — Caça escassa.

Foi o que lhe poude arranjar para a página da sua *Revista* o velho professor e amigo.

*Minimum*

e facilitou tanto o desporto e o ambiente para a sua prática nunca esteve tão facilitado como agora com os meios de transporte e de acesso aos locais adequados mais variados.

Não vamos omitir, neste breve olhar para o desporto algarvio, as actividades, cheias de entusiasmo, que o futebol pôs em movimento em Olhão, Vila Real e Portimão, o ciclismo em Loulé e Tavira, a náutica em Faro, Albufeira e Tavira e outras modalidades naquelas e outros pontos da província.

Essas actividades são de facto para considerar, mas elas visam exclusivamente a competição ou a exibição, por isso pecam pela falta de ideal que só a prática do desporto pelo desporto faz dar verdadeiro fundamento a um conceito desportivo de natureza elevada.

Neste conceito é que deve assentar o pilar mestre da causa desportiva.

Só com ele poderíamos contemplar a grande massa dos novos dedicar-se espontânea e deliberadamente aos preceitos higiénicos e desinteressados da cultura física.

E entre os muitos se passaria à escolha, aos eleitos, aos prodígios, fazendo-se assim fácil recrutamento, uma natural selecção dos melhores para fins espectaculares ou de competição.

Estas linhas breves, não têm, porque não podem ter, a pretensão de lançar ideias, nem sequer de criticar ou corrigir, limitam-se apenas a recordar aos da nossa idade o panorama d'então em confronto com o actual.

E desse confronto, pensem e meditem os dirigentes bem intencionados desta nobre causa, se as nossas considerações são descabidas e inoportunas.

No âmbito desta Revista, certamente, há-de vir a lume constantemente o caso desportivo, e se ela conseguir fazer despertar valores esquecidos, intenções valiosas e as entidades de mais perto chegadas à prática do desporto, então devemos ter a satisfação de olhar com respeito para a sua utilidade neste campo por trabalhar.



# O 25.º aniversário da cidade de Portimão

Deliberou a Câmara Municipal de Portimão comemorar o 25.º aniversário da elevação da antiga Vila Nova de Portimão à categoria de cidade, realizando uma sessão que teve lugar em 11 de Dezembro, pelas 17 horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho.

Presidiu à sessão o Sr. Dr. Luiz Vaz de Souza, ilustre Governador Civil do Distrito, tendo à sua direita os srs. Juiz de Direito da Comarca e o Presidente da Câmara, e à esquerda os srs. Capitão do Porto e Dr. Matos Parreira.

Aberta a sessão, falou o sr. Joaquim Valadares Pacheco, ilustre Presidente da Câmara, que fez o elogio da cidade e saudou o Chefe do Distrito.

Durante a sessão usaram da palavra os srs. Prof. Cipriano Alves, Dr. Mário Lyster Franco e José dos Santos Ribeiro.

O primeiro, num discurso brilhante, pela forma literária e pelos conceitos, fez o elogio da cidade de Portimão, referiu-se à sua posição geográfica, à beleza da Praia da Rocha, fez a opologia de vários escritores e poetas algarvios, e dum modo especial, do portimonense Manoel Teixeira Gomes, a quem a Câmara ia homenagear.

O Dr. Mário Lyster Franco, falou de algumas passagens da vila de Portimão, fez um elogio entusiasta da cidade nova, da sua importância que fazia com que se destacasse entre as cidades algarvias, e referiu-se também a Manoel Teixeira Gomes, na sua opinião, um dos melhores prosadores da língua portuguesa.

José dos Santos Ribeiro começou por afirmar que a elevação de Portimão a cidade representava um acto de justiça e de reconhecimento a uma população que, pelas suas qualidades de trabalho e espírito de iniciativa, tinha feito de Portimão, um importante centro industrial e comercial, talvez o mais importante do sul do país, e assim aquela sessão era de homenagem aos que, na fábrica, na oficina, no escritório, no campo e no mar, contribuem, com o seu trabalho, para engrandecimento da sua terra, e, portanto, para o engrandecimento da Pátria.

Referiu-se em seguida ao passado de Portimão no seu aspecto

económico, cultural e patriótico, desde a conquista do Algarve, época em que já devia ser localidade de certa importância, pois que o rei conquistador lhe deu foral. Falou do seu porto frequentado por navios de várias nacionalidades que ali vinham carregar os produtos da região: frutos secos, peixe salgado ou fumado, e madeiras cortadas das matas da serra e de Bóina; nos seus estaleiros, onde os carpinteiros da Ribeira construíam as embarcações usadas no tráfego marítimo, na pesca e talvez utilizadas nas viagens das descobertas, e na sua população de pescadores e mareantes tam importante que, já tinham a sua confraria do Corpo Santo, com capela própria, Confraria que mandava procurador à Câmara e que tam relevantes serviços prestou na conquista das praças marroquinas, que os nossos reis lhes outorgaram privilégios especiais.

No aspecto cultural referiu-se à aula de latim criada pelo Bispo de Silves, o douto D. Jerónimo Osório, e mantida com os rendimentos do Bispado; ao Colégio da Companhia de Jesus fundado no século XVII, Colégio que fez de Portimão um importante centro cultural. Disse também que, como todos os algarvios, nunca os portimonenses recusaram o seu concurso na defesa da nacionalidade. Estiveram na guerra da Restauração e na valorosa Brigada Algarvia que se distinguiu na luta contra os franceses.

Depois de mais algumas considerações terminou o seu discurso rendendo homenagem a todos os portimonenses e especialmente aos humildes trabalhadores do campo e do mar a quem pediu que se conservassem fiéis às suas tradições, não se deixassem arrastar por falsas ideologias, mas mantivessem sempre em suas almas o amor de Deus, o amor da Pátria, o amor da Família.

Encerrou a sessão o Sr. Governador Civil manifestando a sua alegria em assistir àquela festa, a sua admiração pela linda terra algarvia e aconselhando os portimonenses que continuassem trabalhando pelo progresso da sua terra. Terminou com um viva a Portimão e outra a Portugal.

## A nossa capa

(Arranjo fotográfico do artista Matos, de Faro)



*Não ha muitos anos ainda, a algarvia trajava como a nossa capa mostra... Moira encantada, que se tornou lenda algarvia... — a tradição perdeu-se na voragem do tempo!*

*Nem seria de admitir que, hoje, a algarvia trajasse de rosto encoberto — ainda que a sua beleza em nada ficasse diminuída...*

*Não será esta, também, a vossa opinião, gentil leitor?*

## O Turismo em Faro

(Conclusão da pág. 1)

espírito, o que nem sempre sucedia com o acesso por via marítima — mais moroso e muito problemático aos domingos. Mas para quem não tiver grande pressa, não se deve desprezar o belo passeio que constitui a travessia da ria.

O acabamento da actual estrada representa, portanto, um importante melhoramento que virá dar um grande desenvolvimento à nossa praia e, quem sabe? — à própria capital do Algarve, pois não serão aqui, de preferência, que estarão os hotéis, casinos, etc.? Não será preferível passar as noites na cidade? O futuro o dirá. Oxalá a estrada seja em breve um facto e então teremos que agradecer, reconhecidíssimos, ao ilustre Comandante Tenreiro e digno deputado, o grande bem que fez à nossa terra.

Estava no nosso programa — mas sempre a insuficiência de verba, a contrariar — a construção de miradouros nos pontos donde se disfrutam belos panoramas, nas freguesias de Estoi e Santa Barbara. Não foi possível. Aqui fica o alvitre para qualquer dos nossos sucessores que o queira aproveitar e possa fazê-lo. Para nós uma das coisas que mais fortifica a alma e que mais nos entusiasma é ver um belo e vasto panorama! Subir a Santo António do Alto, à Pousada de S. Braz — ao serro de S. Miguel, à Foia e tantos outros, para só falar no nosso Algarve — contemplar vastidões de campos e serras, semeadas de povoações, tendo quase sempre por fundo o mar imenso, tudo isto num dia de sol de outono ou inverno, é dos espectáculos mais maravilhosos que nos pode dar a Natureza!

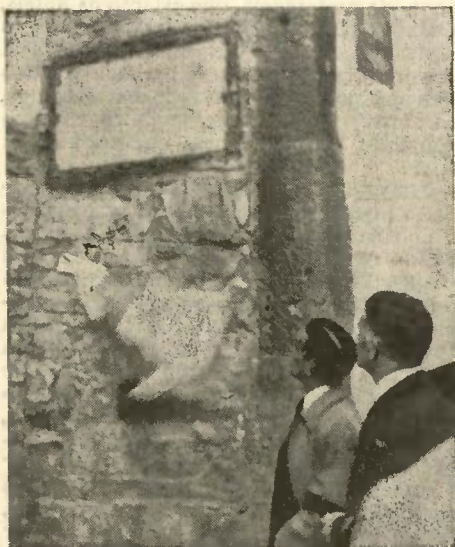
Faro, Janeiro de 1950





O acto religioso com que se inauguraram as festas da cidade de Faro, em comemoração do seu VII Centenário

Num momento de feliz inspiração e num sentido profundo de se enaltecer mais uma vez os feitos gloriosos de uma conquista em que o Algarve com o seu patriotismo de sempre se revelou em mais de sete séculos, em luta contínua na Península Ibérica, constantes de duas civilizações que impiedosamente se degladiavam pela sua supremacia e a dentro do poderio dos que batalhavam em defesa do mundo cristão da ameaça árabe de que aquele saiu vitorioso perante tão gigantesco duelo em que em letras de ouro a História de Portugal realça. Houve por bem levar-se a efeito nesta cidade as comemorações desse quadro da



O Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil de Faro junto da lápide no Arco do Repouso, após a abertura oficial das festas da cidade

# Comemorações d da conqui

História Nacional que a dentro da Nacionalidade foi positivamente o mais bela e cintilante dos feitos gloriosos da nossa Pátria.

A ideia foi na verdade deveras admirável e desde logo mereceu o apoio e entusiasmo de todos os algarvios e pena é, que ela não tivesse o brilhantismo e o êxito que

Como antecipadamente fora anunciado realizou-se pelas 9 horas da manhã a cerimónia do içar da bandeira da Fundação no alto das muralhas do antigo castelo, anexo ao Arco do Repouso que patrioticamente evoca esta data comemorativa e foi anunciado à cidade, com uma salva de mortei-



A parada militar foi um dos números mais grandiosos nas Festas do Centenário de Faro  
As tropas desfilam no meio de entusiásticos aplausos populares

era para desejar, mas contudo, de algo alguma coisa se fez com o entusiasmo e carinho que o facto impunha.

Nestas circunstâncias se iniciaram no dia 28 de Abril passado as festas comemorativas do VII Centenário da Conquista de Faro e da sua integração, na comunidade nacional.

As cerimónias inaugurais apesar de vários contratempos foram revestidas do maior brilhantismo e presenciadas por numerosas pessoas que assinalou tão glorioso acontecimento.

ros e muitas dezenas de girando-las de foguetes com o repicar festivo dos sinos das torres da cidade.

Nesse momento, o Sr. Cap. Matias de Freitas, Presidente do Município proferiu uma brilhante e notável alocução patriótica, reveladora do acto que se estava a comemorar.

O conhecido e moço artista António Santos (Tóssan) recitou com verbosidade o poema alogórico do grande poeta algarvio Cândido Guerreiro que nestas páginas publicamos em lugar de relevo, sendo a seguir descerrado pelo Ilus-



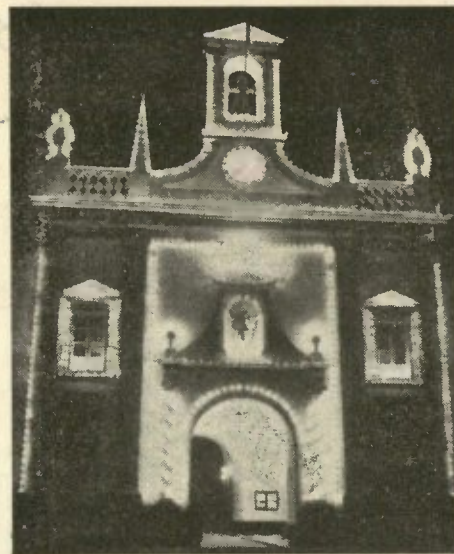
# O VII Centenário da Conquista do Algarve

## da Vila de Faro

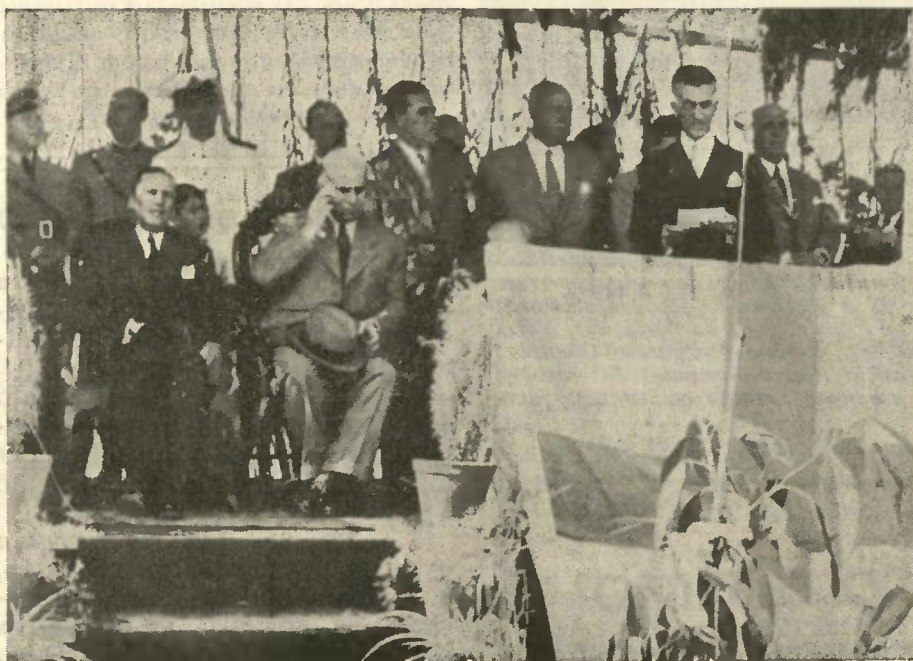
tre Chefe do Distrito, Sr. Dr. Luís Vaz de Sousa, uma lápide comemorativa reveladora do acto a que se estava a consumir.

Perante uma chuva torrencial, que inesperadamente a sacudiu toda a região, S. Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima o Sr. D. Marcelino Maria Franco com a maior serenidade,

lho de Faro, especialmente em 14 de Maio, numa brilhante sessão que foi presidida pelo Sr. Eng. Cancela de Abreu e pelo Ilustre Ministro do Interior que, para tal fim, se deslocou ao Algarve a convite do Município desta cidade, em que foi conferente o Sr. Dr. António Gonçalves Matoso cujo tema foi:



O arco da Vila foi devidamente iluminado e oferecia o aspecto surpreendente, como se nota na foto que publicamos



Na inauguração do Monumento ao Infante D. Henrique: O Ex.<sup>mo</sup> Capitão Matias de Freitas proferindo o seu notável discurso

Região Militar Sr. General Reinaldo Vale de Andrade.

Antes de terminarmos estas notas, não podemos deixar de focar aquela brilhante Sessão Solene que nessa tarde teve lugar na Câmara Municipal em que usaram da palavra o seu Presidente Coronel Pereira Milrêu e em que foi conferente o Sr. Dr. Délio Nobre dos Santos, ilustre deputado da Nação, que soube enaltecer com brilho, clarividência e desassombro, as virtudes militares e morais do Exército Português, que esteve sempre — como muito bem o afirmou — simultaneamente ao serviço da Pátria, da civilização e de Deus.

próprio do seu bondoso apostolado, disse a missa num altar improvisado, junto às respectivas muralhas, executando a Banda da Legião Portuguesa alguns números musicais, adaptados ao fim que se estava a realizar.

Nesta cerimónia viam-se altamente representadas pessoas da maior categoria, da cidade e província.

No Liceu Nacional de Faro, o VII Centenário da Conquista também teve uma alta projecção, bem como na Casa do Algarve, em Lisboa, e ainda nos Paços do Conce-

(A conquista do Algarve e a Cruzada do Ocidente).

Finalmente estas brilhantes festas foram encerradas com uma vistosa Parada Militar e um solene (Te-deum) em que o Exército Português, por determinação do Ilustre Ministro da Guerra, Sr. Ten. Coronel Santos Costa se associou a estas solenes comemorações em que tomaram parte as forças de Infantaria 4 e do Centro de Instrução de Tavira com Banda de música e Infantaria 16, tudo no total de mais de mil homens tendo assistido o Sr. Comandante da IV



A procissão de S. Jorge nas festas Centenárias da cidade de Faro, atraíram igualmente a atenção geral



## O 78.º aniversário natalício do poeta Cândido Guerreiro



No dia 3 de Dezembro findo, o poeta Cândido Guerreiro — uma relíquia algarvia — festejou o seu 78.º aniversário natalício. Muitos amigos e admiradores do poeta acorreram a sua casa, para lhe apresentarem as suas felicitações. A objectiva do fotógrafo colheu: (da esquerda para a direita) Engenheiro Othman da Franca, filho do poeta; Dr. Neves Júnior; Dr. Emiliano Costa; Dr. Joaquim Magalhães; menina Margarida Cândida; Dr. Cândido Guerreiro; D. Julieta Correia; D. Josélia Ricker Sampaio; D. Bárbara Pereira; Dr. Arnaldo Vilheno; D. Maria Antónia e o nosso presado colaborador Marques da Silva.

### PORTIMÃO

#### Homenagem a TEIXEIRA GOMES

Tendo a Camara Municipal de Portimão deliberado prestar homenagem á memória do ilustre Portimonense, Manoel Teixeira Gomes, resolveu efectua-la em 12 de Dezembro, com o seguinte programa: Colocação de um retrato do homenageado na sala de leitura da Biblioteca Municipal, que teve o seu inicio, com os livros por êle legados; descerramento de um lápide na casa onde nasceu e uma sessão solene no Cine-Teatro na qual usaram da palavra os Srs. Julião Quintinha e Dr. Joaquim Magalhães, professor do Liceu de Faro.

O primeiro orador, falou sobre a personalidade de Teixeira Gomes; o segundo fez a critica da sua obra Literária.

Ambas as conferências constituíram valiosas lições, que contribuíram certamente, para que a assistência, ficasse compreendendo melhor a personalidade do diplomata e estadista, e a obra literária do ilustre escritor.

### Nota da Administração

A assinatura da nossa Revista custa 60\$00 (sessenta escudos) cada série de 12 números — normalmente um ano.

A cobrança é efectuada após o segundo número enviado, considerando-se assinante quem receber um número e o não devolva até à publicação do imediato.

Não fazemos segunda cobrança — quando, por qualquer motivo, a primeira não seja paga, devemos ser enviada a respectiva importância, para regularização do envio da «Revista Algarvia».

Δ

Desejamos assinantes em todas as terras do Império Português. Agradecemos a indicação dos algarvios ausentes em terra estrangeira, ou nas nossas ilhas e Colónias, a fim de que lhe seja enviada «Revista Algarvia».

Δ

Aceitamos correspondentes em todas as terras do Império Português, principalmente em toda a Provincia Algarvia.

Os pretendentes devem escrever ao nosso Administrador, para a Rua Rodrigues Sampaio, 96 — 3.º dir. — Lisboa.

O nosso problema de palavras cruzadas vem inserto na página 24.



## O melhor caminho

PARA V. Exa. SE TORNAR  
**UM BOM GUARDA LIVROS**  
SEM SAIR DE SUA CASA

CORTAR E REMETER SEM DEMORA ESTE CUPÃO

ENVIAR 2\$00 FM SELOS PARA PORTE E DESPESAS

**AO INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO**  
RUA DA PALMA, 164 - LISBOA TELEF. 28034

QUEIRA ENVIAR-ME, GRÁTIS, O LIVRO "CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA"

NOME \_\_\_\_\_

MORADA COMPLETA \_\_\_\_\_

# Vitor Duarte

Estofador e decorador

OFICINA E SALA DE EXPOSIÇÕES: R. FILIPE ALISTÃO 68 — FARO

TAPETES  
FAIANÇAS  
LUSTRES  
ANTIGUIDADES  
DECORAÇÕES  
ESTOFOS  
EDREDONS  
CARPETES





## AVANTE E SANTIAGO

*Poesia recitada em Faro no acto solene da inauguração das festas comemorativas do VII Centenário da Conquista da Cidade*

por

**CÂNDIDO GUERREIRO**

Repicam sinos... Brônzea revoada  
Vibrando épicamente nas alturas...  
Rompeu nos corações uma alvorada  
E acordam os heróis nas sepulturas...

Repicam sinos... E' a antiga voz  
De «Avante e Santiago!» em alarido  
De guerra e de vitória dos avós  
Lusitanos cristãos e temerários  
Miraculosamente ressurgido  
Na voz das torres e dos campanários,  
Levando a boa nova à serra e ao vale...

—«Avante e Santiago!»—E, ao grito ingente  
E triunfal,  
A bandeira da cruz  
Abate e vence, egrégia, a do crescente,  
E hasteia-se a alcáçova e reluz  
E tremula imortal...

Precipitadamente,  
As tropas agarenas derrotadas,  
Já vão fugindo num clamor plangente  
E, com palavras mágicas, os moiros,  
Deixam, na fuga, as filhas encantadas  
E ocultos os tesouros  
Nas fontes e cisternas...  
Enquanto, desfraldadas,  
Signas ovantes, trapejando eternas,  
Alumiam os séculos vindoiros  
E, mais do que almenaras ou lucernas,  
Erguem-se a refulgir sobre os dois arcos  
E entre ameias das árabes muralhas!  
Em torno à glória do pendão real,  
E tintas com o sangue das batalhas,  
Ei-las perpétuas, fulgurantes marcos  
Do extremo sul  
Do nosso bem amado Portugal!

Ao alto, o sol derrama-se em poalhas,  
E, em paramentos de ouro e seda azul,  
O velho mar, o solitário monge,  
Soltou na praia um cântico em louvor  
De Dom Afonso, el-rei libertador  
Do reino de Alfagar...

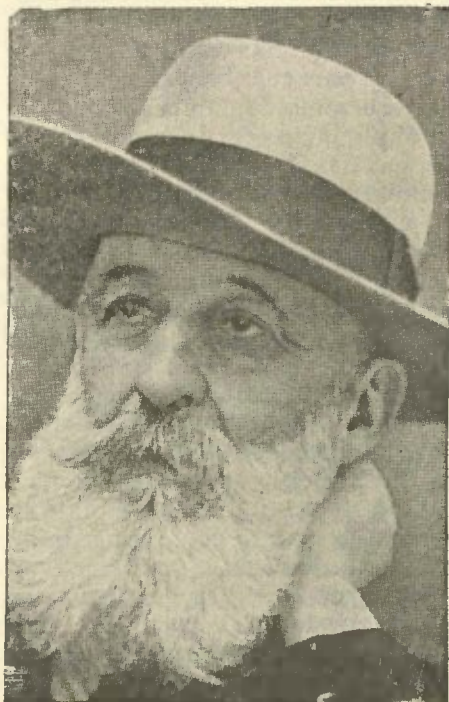
E veio de longe,  
O velho mar,  
Num frémito beijar  
A cinta da cidade,  
A forte barbacã  
Piedosamente filial e belo...

E, soldado fiel da cristandade,  
Desde essa linda e rútila manhã  
Ficou de guarda às portas do castelo  
De que Nossa Senhora é Castela  
E até dos próprios infiéis dilecta,  
Para que, sempre erecta,  
Sempre florida a legendária igreja  
Onde é orago,  
A grande Mãe de Deus bemdita seja!

E, sentinela que jâmais deserta,  
Eis porque, de hora a hora, o mar treveja:  
—Alerta! Alerta!  
Avante e Santiago!

Bemdita seja, pois, Santa Maria!  
—Em nossas almas maternal afago,  
Dos navegantes carinhosa guia,  
Que aplaque os ventos, tempestades dome  
E o mar revoltado lhes transforme em lago!

—Alto brazão na terra do Teu nome,  
Avé, Maria!  
E vós, irmãos,  
Filhos de Al-Gharb e Faraon, cristãos,  
—Avante e Santiago!



DIRECTOR ESCOLAR

**Virgílio Fagulha**



Ao iniciarmos a publicação da nossa Revista, não poderíamos, de forma alguma, deixar de mencionar o nome deste grande orientador da instrução primária, que à nossa província tem prestado relevantes serviços, quer como Director Escolar, como ainda em outras funções públicas, que têm merecido a gratidão de todos os algarvios.

As suas altas qualidades de carácter, aliados à beleza de um trato afável e acolhedor, tem captado em cada um dos funcionários, que dele se acercam, um amigo, não por favores que faça, mas sim, pela maneira ponderada, conciliadora e criteriosa como esclarece e resolve os mais complicados assuntos, que estão a seu cargo, sem quebra de disciplina ou eficiência.

Dirigir um Distrito Escolar não é uma tarefa fácil, mas para o seu Director, não há segredos. Os factos estão patentes e espalhados por todo o Distrito.

A sua competência pedagógica e as suas altas qualidades de orientador, têm sido a consequência do êxito brilhante e elevado em que intelectual, moral e materialmente a Escola Primária no Algarve se encontra.

Por isso, a «Revista Algarvia», apresenta gostosamente ao Director Virgílio Fagulha as suas melhores saudações.

PEÇA-NOS ou peça em  
qualquer livraria o me-  
lhor romance de 1948!

**Almas e Pão**



# OS PINTORES ALGARVIOS EXPÕEM NO S. N. I.

**O que escreveu o escritor e jornalista Julião Quintinha — algarvio ilustre — sobre a 1.<sup>a</sup> manifestação cultural do próximo Congresso Regional Algarvio.**

Como primeira manifestação cultural do próximo Congresso Regional Algarvio, foi ontem<sup>(a)</sup> inaugurada no salão do Palácio Foz uma exposição de pintores algarvios, onde estão presentes curiosos trabalhos de Bernardo Marques, J. Rebocho, Lázaro Corte Real, Maria Alexandrina Chaves Berger e Samora Barros. A exposição oferece interesse, e ainda poderia oferecer mais, visto que ali faltam outros artistas algarvios, como Maria Keil, Carlos Porfírio e Roberto Nobre.

O Algarve, que tem dado ao país escritores, poetas e jornalistas, também tem sido berço de artistas de alto sentido pictural e apurada sensibilidade, como se verifica no rico documento plástico desta exposição que, para além das suas expressões regionais, é um certame com pleno espírito europeu.

A grande novidade desta exposição são os magníficos trabalhos de Rebocho onde se aliam vigor e sensibilidade, produzindo uma forte e invulgar personalidade de artista. Para se avaliar da sua categoria e classe bastará lembrar que o grande pintor Sousa Lopes lhe deixou o encargo de prosseguir os seus trabalhos de pintura a fresco no Palácio da Assembleia Nacional. Todavia, é esta a primeira vez que expõe em público.

Todos os trabalhos que Rebocho expõe, inclusive os seus estudos e esboços, documentam talento vigoroso sempre inquieto em constantes experiências de técnica, e uma paixão absorvente pela sua arte. Já é um grande artista, e creio que virá a ser um grande nome na pintura. Assim tenho de pensar e concluir ao ver a sua execução, em estilos diferentes, mas sempre pujantes e fortes de matéria plástica, nos retratos do escultor Martins Correia, do escritor Loureiro Botas e do capitão Roque de Aguiar.

É um artista que se alheia da paisagem e procura os escolhos

da figura, para os dominar com a sua técnica. O seu quadro «Promessa» é uma grande prova de artista. Nos rostos de crianças, que resumem ternura e humanidade, o pintor revela bem quanta noção possui do equilíbrio entre a técnica e a sensibilidade. O profundo estudo que merece a sua obra não cabe nestas linhas despretensiosas.

Outro grande artista, já consagrado pela crítica, que ocupa selecto lugar nesta exposição, é o pintor e professor Samora Barros, que apresenta 14 trabalhos — paisagem, marinha, figura, retratos e natureza morta. Podemos gostar mais duns trabalhos do que de outros, mas todos eles revelam, antes de mais nada, o homem que soube aprender e ensinar desenho e não transige com «habilidadezinhas» quedando-se indiferente aos êxitos fáceis. Sabe pintar e gosta de pintar, e põe nos seus trabalhos dignidade — às vezes com tal severidade de métodos que dá impressão de secura aos seus assuntos. Mas conhece e comunica, como poucos, a luz da paisagem algarvia e a cor do seu mar — bem patentes nesta exposição, nos seus belos quadros: «Enseada de Albufeira», «Ponta de Sagres» e «Arredores de Silves».

Por vezes, a luminosidade do mar algarvio, que é dos assuntos picturais, de ar livre, que mais parecem interessar à visualidade deste pintor surge nos seus quadros com estridências cenográficas, que podem parecer excessivas; mas nós sabemos, de ciência certa, que o mar algarvio tem dessas extravagâncias e fantasias esplendorosas...

Outros quadros a citar são as suas perfeitas naturezas mortas e «Carrego de Albufeira» — este vigoroso estudo de figura, cheio do melhor desenho. Mas as notas mais altas desta sinfonia potentosa de cor talvez sejam as da sua valiosa galeria de retratos, onde se podem classificar de obras-primas algumas telas, como «Retrato do meu tio Francisco», «Retrato da Dr.<sup>a</sup> Lucília de Almeida» e outras que impõem o artista como um grande pintor de retratos.

Bernardo Marques, um dos maiores ilustradores portugueses, com trabalhos altamente apreciados por críticos estrangeiros, trouxe apenas dois quadros. Eles bastam para

avivarem lembranças da sua brilhante actuação nas artes plásticas. Uma dessas telas, «Feira Algarvia», é uma maravilha de bom gosto e um primor de moderna técnica.

Maria Alexandrina Chaves Berger está representada com belas telas de motivos algarvios e de outros assuntos portugueses. É uma grande pintora de paisagem, que tira o melhor partido do pitoresco e dá harmoniosa composição aos seus trabalhos. Em frente de algumas das suas telas sentimos agradável e pacificadora sensação de repouso e encanto. Belos os seus apontamentos: «Ciganos» e «Olhos de água», e muito bons os quadros: «Pedacitos do Algarve».

Resta-nos dizer que Lázaro Velloso Corte Real apresentou meia dúzia de deliciosas «Marinhas», primorosas de técnica, onde está presente o pintor que tem estudado este género difícil e o sabe pintar. Não são apenas seis agradáveis manchas oceânicas, cheias de frescura, mas seis quadros de verdadeiro artista.

Pela criteriosa selecção e boa organização deste certame, que é um grande triunfo artístico para o Algarve, devemos cumprimentar o Dr. Vergílio Passos.

Da «República»

(a) 17-1-950

## AOS LEITORES E AMIGOS

Enfrentando as dificuldades naturais de quem começa, *Revista Algarvia* não se apresenta, neste seu primeiro número, como era o desejo da sua Redacção.

Algumas faltas, decerto, notou o leitor — que na sua magnânima bondade soube rectificar e perdoar. Outras surgirão ainda...

Escudados numa vontade ferrea, procuraremos o aperfeiçoamento desejado no menor espaço de tempo. Até lá — e sempre — confiamos na gentileza de todos os nossos amigos e sinceramente agradecemos todas as sugestões que nos apresentem.

Como agradecemos — hoje e sempre — toda a valiosa colaboração que nos possa ser enviada.

## HELDER CUNHA

Fornecedor das principais entidades desportivas do País. PRÉMIOS DE ARTE. Grande variedade em medalhas sportivas para todas as modalidades, plaquetes, taças e anéis sportivos em todos os metais. Stock de emblemas para todos os clubes. Gravuras em todos os géneros. Taças de prata

Rua dos Correeiros, 140 - 4.º  
Telef. 2 1124 LISBOA





Ele já tem muito que contar! E o nosso colaborador está atento... não se vá perder algumas das suas palavras!

*Esta é a primeira reportagem de Revista Algarvia. Nela apresentamos uma obra que dignifica a capital do Algarve e todos aqueles que a ampararam desde os seus primeiros momentos.*

*Obra merecedora de todos os auxílios, era, contudo, pouco conhecida! Com o trabalho, a todos os títulos brilhante, do nosso querido colaborador António Augusto dos Santos, a «Cidade dos Rapazes», de Faro, vai um pouco mais além, no conhecimento necessário para que possa bem merecer de todos.*

*Oxalá que algo dizendo a seu respeito — um pouco do muito de útil que tem —, algo de bem lhe tenhamos feito...*

## CORTINADO TRANSPARENTE

Os leitores conhecem decerto esse filme «Os Homens de Amanhã» em volta do qual a «Metro» construiu uma cidade de cartoados, de cenários e de fantasia sob a orientação do Padre Flangan, cujo perfil admirável Spencer Tracy recorta com o humanismo profundo de uma lição de amor pelo próximo e por Deus?

Conheceu certamente, como consequência inspirada no filme americano, a película portuguesa «Não há rapazes maus» cuja metragem

# A «Casa dos Rapazes», de Faro, é uma instituição que honra o Algarve!

Uma reportagem de  
António Augusto dos Santos

nos revela um pouco de amor e de bondade?

Pois eu vou dar-lhes o filme da «Casa dos Rapazes», em Faro, uma instituição que por enquanto caminhando de mãos dadas com a «Casa do Gaiato» e quejandos pelo Reino da Bondade, não teve a felicidade de um realizador, de um argumentista, de uma serpentina de celulóide, em suma, em cuja extensão pudessem ser gravadas as imagens vivas do seu dia-a-dia repleto de panorâmicas assombrosas para todos, mas muito especialmente para aqueles que instalados num fauteuil da Vida, posam acordar descendo através das nossas objectivas às profundezas do coração, ao âmago desta iniciativa e colher a amostra do fel, das lágrimas e da dor de não ter lar, como cantou o poeta do «Fel».

Rapazes temos nós em número de 95 — de todos os tamanhos e de todas as idades, de todos os temperamentos e de todos os pontos cardiais da Província Algarvia, que aqui vem procurar o refúgio, o pão e a regeneração, trazidos pela mão caritativa dos pioneiros desta Grande Obra.

Por que não há rapazes maus e por que eu confio nesses homens de amanhã... embora sem a sombra melancólica dos padres Flangan ou Américo, a patrocinar a iniciativa, eu vou dar-lhes o filme. Mas desde já esclareço que vou dar-lhes um filme-documentário apenas, gisado com o argumento natural do seu drama, posto que os recursos de um Mikey Rooney escasseia entre a rapaziada.

## TUDO A POSTOS

A reportagem fora marcada para a véspera do Natal a poucas horas da Natalidade de Cristo. Entardecia e nós partimos à hora impressionista do Poente. A baixa de Faro, àquela hora, estava transformada num museu autêntico — num Louvre repleto de telas sagradas, onde a consagração do Nascimento de Cristo reaparecia a cada passo em telas dos mais

variados autores —, telas que se enquadravam nas montras dos estabelecimentos. Rafael, Vinci, Rosseti e Degas adivinhavam-se a cada passo e em cada motivo, sem assinatura, onde havia um estábulo, um anjo, uma estrela e um recém-nascido Longe de autenticidade, esses quadros eram cópias vivas, feitas de luminuras estilo século XVI, evidenciando os tons doces que a mão do vulgo copiou e plagiou para glória e imortalidade da maior lição de amor que os cartapácios registam. O formigueiro da cidade regorgitava pelos corredores da baixa. Não haviam catálogos, mas o público sabia-os de cor, no seu culto pela pintura, essa pintura serena, bela e genial de cor, a arder num incêndio de lâmpadas em tons rubros, azuis e esverdeados. O nosso carro, por fim, partiu indiferente à grande exposição e conduziu-nos à cidade excêntrica, onde a Casa dos Rapazes mora com toda o seu rapazio, enamorada do panorama da ria e dos seus poentes magistraes, que lembravam Rembrandt absorvido nos tons quentes de um novo óleo — o Auto do fim de um dia...

## A CASA DOS RAPAZES

O carro penetrou na cerca da Casa dos Rapazes e logo o próprio entardecer, apesar de doentio e agonizante, riu nas gargalhadas da garotada, que ocorreu a envolver o automóvel, quase em tumulto, como se a nossa paragem tivesse sido motivo de uma pane ou de um desastre. A primeira imagem do filme incendeia-se na nossa imaginação. Em presença de um simulacro de desastre já não ficaríamos mal. Pelo visto actores temos nós... Pelo menos actores de conjunto que dão ao filme um unísono sem interpretação definida... Ante tal exortaniedade acendemos um cigarro e quedámo-nos a meditar: no dia em que esse tumulto desaparecer por novas instalações bem merecidas, a Casa vai ter saudades dos seus Rapazes ao ficar sem eles...



Como um avô extremoso e solitário — por fim, como uma mãe que se arrelia para logo querer mais e mais ao filho que mais tormentos lhe dá, a nostalgia vai pesar-lhe na alma e no todo deserta, abandonada, o olhar vago posto nos outonos da ria. Começam a chegar mais e mais em todos os formatos, em todas as idades, em todos os tamanhos — em corpos 6, 8 e 12 como diria um tipógrafo ao classificar os seus tipos. Chama-se por um número, ao acaso, e logo um gaiato esperto, ladino, risonho nos responde no «presente» da ordem. Todos eles têm um número e esses números formam uma Tábua de Pitágoras, onde tudo se adiciona, se subtrai e se divide sem... resto. O 95 é o Zé Domingos e o 104 o «Vilaret», filho de uma mendiga atropelada em S. Brás de Alportel. São dos mais altos da numeração mas dos tais que nem a corpo 6 chegam, pois têm apenas cinco anos... O primeiro é olhanense de nascimento, mas ainda não tomou o partido de desporto, ainda não compreendeu que o verdadeiro orgulho da gente de Olhão está em ser-se olhanense duas vezes... O outro, o «Vilaret», bolachudo, risonho, não passa de um eloquente de silêncio, de um *diseur* que apenas sabe rir. Todos eles têm uma história pungente, que se resume a um processo e todos os processos juntos formam um Larouse em 95 capítulos molhados de lágrimas, que dia-a-dia se vão enxugando à lareira da Casa dos Rapazes... O N.º 7, por exemplo, tem sete anos de permanência ali, é órfão de pai e mãe, ignora onde nasceu e sabe apenas e muito vagamente que foi recolhido por um pastor, ao qual fugiu, mais tarde, como ovelha transviada, vindo dar à capital algarvia. Faro, apodou-o de «Marau» — tais as suas proezas, as suas aventuras arrufiadas aos 10 anos. Um dia a Casa dos Rapazes abriu-lhe o seio e o «Marau» converteu-se num esplêndido rapaz regenerado, estudioso e aplicado à aprendizagem do ofício, pois está actualmente na oficina da Câmara aprendendo a canalizador.

Aos 21 anos ser-lhe-ão abertas as portas desta prisão sem grades e o Sr. Gaspar da Silva deixará de ser o n.º 7 como deixou de ser o «Marau» para se dedicar à vida como um homem de trabalho, levando na escudela todo o pecúlio dos seus ganhos, de aprendiz e meio oficial, como dote generoso à sua regeneração. Cada um dos rapazes que já trabalham e se dis-

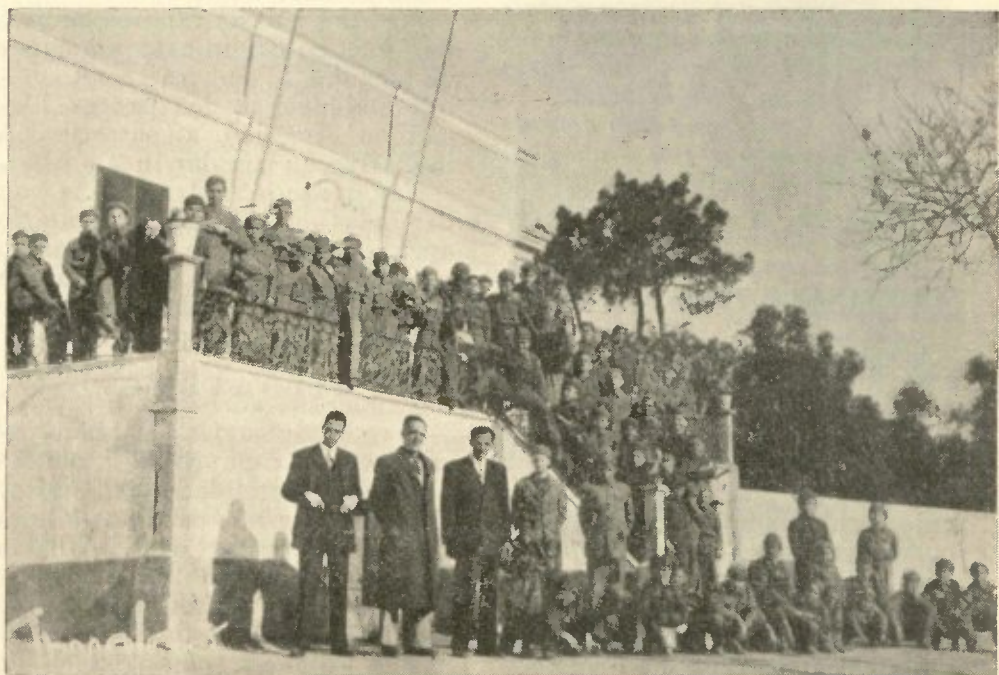
tribuem por várias actividades pela cidade de Faro vai criando, com o suor do seu rosto e a aplicação dos seus recursos, um pecúlio que lhes será entregue quando completar a idade. Todos os meses o balancete é afixado e dele se podem extrair os números relativos às economias de cada um. À cabeça da classificação vai o n.º 33 com 4.972\$50, seguido do n.º 10 que tem já amealhados 4.328\$00. Os últimos do xadrez da classificação, são os n.ºs 52 e 53 com 10\$00 — sintoma de que há dias, apenas, começaram a acertar o passo com a vida laboriosa das oficinas e dos escritórios.

### PASSANDO EM REVISTA

Passamos em revista as dependências da Casa dos Rapazes e em primeiro lugar vem a dispensa, onde, a reflectir a necessidade imperiosa de espaço vital, se aglomeram os cereais e o calçado — as botas n.º 1 — disposto em dois frisos em toda a extensão do compartimento. Ao ver tantos pares de botas em posição de sentido — calcanhares unidos — ocorre-nos o pensamento de que todo esse calçado vai, dentro em pouco, ao soar da hora de silêncio, ser depositado, na chaminé, pelos pupilos, na tradicional prece a Jesus. Estou mesmo a ver a chamada e após o n.º 1, o n.º 2, até ao n.º 113, todos desfilarão, solenes nos seus tipos de bons rapazes, frente à lareira, e erguendo bem alta a fantasia do seu pensamento menino e moço, depositarem as bo-

tas partindo rumo à camarata para adormecer a sonhar com o Menino. Mas realidade crua! Segundo nos informam, Jesus descerá a chaminé apenas para depor meia dúzia de lembranças nas botinhas dos mais pequeninos — do «Vilaret», do Zé Domingos e poucos mais. Para os outros nada lhes trará o Pai Natal. Pobres crianças que desamparadas da vida familiar cedo começam a endurecer os corações descrendo do terno mistério da Noite de Natal. Em face disso eu ousou perguntar: Mas é Jesus, sonho, luz e amor? Não é Jesus a bondade dos homens, o amor ao próximo e a glória de Deus? Não é todo este Algarve uma província 100% dogma, cristandade e fé? Se o é, porque permite que feneça, na Casa dos Rapazes, esse raio de luz e esperança, essa centelha de carinho e de bondade, que há-de educá-los ao ponto de torná-los bem melhores para a Vida, para o Mundo e para os seus semelhantes?

Esta foi sem dúvida a cena principal do meu filme — o *clou* de toda a metragem desbobinada em torno da Casa dos Rapazes — aquela que me fez rebentar nos olhos as lágrimas de sofrimento pela humildade desses pequeninos cujo lar é a iniciativa benemérita bem melhor ou pior compreendida cuja família são eles próprios no aconchego dos seus destinos de irmãos gémeos no infortúnio, na desdita e no amparo. A criança, hoje mais que nunca, necessita de um rasgo de poesia a iluminar-lhe o trilho, árido, tal como necessita do pão de cada dia a re-



Os internados da «Casa dos Rapazes» posam para a nossa Revista



# CASA DO ALGARVE

## LISBOA

Após um ano de laboriosa actividade regionalista, a Direcção da Casa do Algarve, em Lisboa, apresentou o seu *Relatório e Contas do ano de 1949*, que a seguir transcrevemos:

### Presados consócios:

Do desempenho da sua missão, mercê do honroso mandato que foi conferido a esta Direcção pela Assembleia Geral de 18 de Janeiro de 1949, cumpre-nos vir dar-vos contas da nossa missão durante o exercício.

Seria nosso desejo fazê-lo mais desenvolvidamente, mas por motivos adeante justificados temos que nos limitar ao pequeno espaço que este modesto relatório pode comportar.

Como é do domínio de todos, «no colectivismo, quando se reclama a satisfação aos mais variados desejos de cada um dos que só pensam em si e se esquecem dos restantes, é sempre árdua, senão difícil, a tarefa dos dirigentes». — Pois esta Direcção pode afirmar que somente caminhou ao encontro dos interesses do nosso regionalismo para a satisfação de todos.

E, conscia da sua missão, porque a ânsia de realizar mais e melhor foi o seu predominante pensamento, submete ao vosso «verdictum» uma ligeira revista do que foi o seu trabalho directivo.

### Vida Administrativa

Ao tomar conta dos destinos da nossa instituição, viu-se desde logo privada da assistência de dois dos colegas efectivos. Para suprir estas faltas teve de chamar à efectividade os dois suplentes que lhe prestaram colaboração até final. Mas ainda, durante o último trimestre, teve de lamentar também a falta do 1.º Secretário que foi para o Funchal. Todavia, os seus trabalhos decorreram sempre na melhor harmonia com unanimidade de pontos de vista, em defesa da causa comum de todos.

### Instalação da nossa Séde

A procura da casa condigna, foi o problema número um que nos preocupou e absorveu constante-

mente a atenção e actividade, pois estivemos bastante empenhados na satisfação da mais justa aspiração de todos os associados, que era também a nossa. Visitaram-se variadíssimas casas, quer por nossa iniciativa quer por recomendações de alguns sócios — algumas já tínhamos visitado — e, ou não tinham condições ou as rendas eram bastante elevadas. Já próximo da data em que tínhamos de renovar o contrato de arrendamento da casa onde estamos, surge-nos uma em condições. Mas apesar de se ter aumentado a oferta inicial, de forma elevada à média da receita, não a conseguimos por motivo de concorrência.

### Actividades Associativas

Neste capítulo foi excepcional a nossa actividade por motivo da passagem do VII Centenário da Conquista do Algarve. Realizámos elevado número de conferências, palestras, exposições, homenagens e saraus recreativos, tanto na Sede como na Sociedade de Geografia e no Museu João de Deus. A todas as manifestações comemorativas daquele Centenário, na nossa querida província, nos associámos e a que mais nos sensibilizou e enalteceu foi a da inauguração, em Faro, do busto do Infante de Sagres. Vimos assim satisfeita uma dívida, para não dizermos compensada, que desde há muito todos nós, algarvios, eramos credores dos valorosos feitos dos nossos antepassados que tanto contribuíram para a independência da nacionalidade. Realizámos um elevado número de tradicionais bailes, soirées e matinées — tardes algarvias bastante animados, que foram abrilhantados por orquestras. Apenas um pequeno número tivemos de dar com música de discos. Todos conhecem os grandes encargos que as orquestras trazem às agremiações regionalistas que, com pequeno número de associados como a nossa, são de veras insustentáveis. Todavia, em boa verdade podemos dizê-lo, que se da parte dos presados consócios não recebessemos bom acolhimento na contribuição voluntária das entradas, não nos seria possível tão satisfatória realização.

Repare-se atentamente o seguinte: a quota mensal está desactualizada em relação à que era em 1930, da primeira Casa do Algarve, do mesmo valor de 10\$00, faltando-nos ainda a receita da joia que era de 50\$00; que o número de sócios em efectividade é diminuto em relação ao que seria necessário para a falta de mais receita do motivo acima; e, finalmente, naquelas condições só uma criteriosa administração poderá fazer face a todos os encargos da renda da casa, água, luz, pessoal, encargos de cobrança, etc., sem excluirmos as licenças de que não estamos isentos.

### Resultados Financeiros

Confrontando com o Balanço anterior, podereis verificá-los. Não comentamos o assunto para dar lugar ao criterioso Parecer do nosso Conselho Fiscal.

### População associativa

Notou-se um leve aumento de 16 sócios. Note-se que em 1 de Janeiro de 1949 existiam 1090, durante o ano foram inscritos 212 e readmitidos 58, o que totalizara 270. Mas como tivemos de lamentar 254 desistências, ficaram portanto 1.114 sócios. São 693 de Lisboa e 421 da Província, Ilhas, Colónias e Estrangeiro.

### Donativos

Com viva satisfação registámos também vários donativos e ofertas feitas por nossos dedicados Amigos.

### Assistência

Dentro das possibilidades financeiras da Casa do Algarve, satisfizemos vários pedidos de assistência conforme as disponibilidades que a verba comportava. Na quadra festiva do Natal distribuímos a quase duas centenas de necessitados, donativos em dinheiro provenientes também de festas que vários consócios dedicados levaram a efeito para o dito fim.

### II Congresso Regional Algarvio

A Comissão Executiva, que durante o ano continuou a desenvol-

(Conclui na pág. 20)



temperar-lhe o físico. Chegámos ao refeitório — a sala das libações, le uma modéstia impressionante. A valorizá-la apenas no seu conjunto um quadro de Vinci, a clássica Ceia de Cristo, ladeado pelas fotografias de dois dos mais devotados beneméritos da instituição — a do Sr. Manuel Monteiro Leite, fundador, e o de Madame Antero Cabral, esposa do dedicado Governador Civil que o distrito tivera e que tão gratas recordações deixara pelos dotes de coração inestimáveis. Sem a rádio que lhe dá a nota alegre das emissões, este refeitório, pela sua singeleza de linhas e de ambiente, mais mereceria a comparação de um daqueles refeitórios das ordens religiosas cujos professores e noviços se deixam morrer para a Vida, ditosos da sua clausura. Mas na Casa Rapazes o caso é bem diferente. Essas 95 vidas desabrochantes, em plena Primavera necessitam de um refeitório que eduque neles, a par da emoção estética, um sentido de verdadeira humanidade, como precisam do ar lavado da ria, para os seus pulmões. Em dias cinzentos de chuva o tormento dos seus orientadores torna-se duplo. Um estendal de roupa a enxugar e a detenção forçada de 95 crianças, para fugir à chuva impertinente é fustigante, complica-se. Em presença das acanhadas dimensões — das dependências, todos os problemas são quase insolúveis, complicando a boa vontade dos dirigentes, entre os quais, justo é destacar o nome do Sr. Capitão Loureiro. Graças a ele, na Casa dos Rapazes não há apenas a «Semana da boa vontade» — essa boa vontade é permanente, eterna, triunfal. Começa em 1 de Janeiro e finda indubitavelmente em 31 de Dezembro de cada ano, pois só na base dela têm sido possível os autênticos milagres financeiros, económicos e de iniciativa. Há problemas que só a iniciativa particular poderia resolver e para isso bastaria a nobre divisa: *os que podem aos que precisam* ser posta em prática. Bastaria que as portas de tantos corações adormecidos, pela sonolência do bem estar, se abrissem, pensando, uma vez no ano, no dia-a-dia na Casa dos Rapazes.

Passamos depois à sala de aulas e de novo a emoção nos choca em profundidade. Dir-se-ia que toda aquela singeleza de linhas foi obra de Job. Dúzia e meia de carteiras, uma secretária, um mapa — é todo o espólio didáctico desta aula que de Cresus tem apenas a

virtude de ministrar o saber a quantos dele precisam. Cristo e Salazar erguem-se como dois símbolos de alto património sagrado e patriótico, exemplificando duas grandes lições — Deus e Pátria. A propósito de cada um deles duas frases me ocorrem: a de Jesus ao afirmar: «Deixai vir a mim os pequeninos...» e a do Chefe ao declarar: «Enquanto houver um português sem pão a revolução continua». Baseado nelas, lanço o apelo a este pequeno e generoso Algarve pela manutenção desta obra de grande alcance social, sabido como é que a província algarvia, orgulhosa do seu rincão, não deixará que faleça um símbolo de humanidade que muito a dignifica!

### ESTATÍSTICA

A selar esta reportagem, analisemos os números relativos à Casa dos Rapazes, números bastante ilustrativos e concludentes do vasto panorama caritativo desta magnánima instituição. A Casa dos Rapazes, a despeito dos seus modestos recursos económicos e de dependências, vem, desde 1944, dando cada vez mais vasta projecção ao seu amplexo de actividade.

Assim vem admitindo:

|         |    |
|---------|----|
| Em 1944 | 11 |
| » 1945  | 11 |
| » 1946  | 2  |
| » 1947  | 15 |
| » 1948  | 29 |
| » 1949  | 10 |

Os seus braços caritativos estendem-se assim em todos os sentidos cardiais da província para recolher, para amparar, dentre os que necessitam, aqueles que maior necessidade de amparo revelam. Deste modo foram admitidos 95 rapazes trazidos de todos os concelhos algarvios:

|                         |    |
|-------------------------|----|
| Faro . . . . .          | 41 |
| Albufeira . . . . .     | 3  |
| Alcoutim . . . . .      | —  |
| Algezur . . . . .       | 2  |
| Alportel . . . . .      | 5  |
| Castro Marim . . . . .  | —  |
| Lagoa . . . . .         | —  |
| Lagos . . . . .         | 1  |
| Loulé . . . . .         | 11 |
| Monchique . . . . .     | 3  |
| Olhão . . . . .         | 11 |
| Portimão . . . . .      | 2  |
| Silves . . . . .        | 5  |
| Tavira . . . . .        | 2  |
| Vila do Bispo . . . . . | 2  |
| Vila Real . . . . .     | 6  |
| Castro Verde . . . . .  | 1  |
| Total . . . . .         | 95 |

Acudiu-se deste modo a 95 rapazes desamparados, ou quase desamparados, na vida, expostos às inclemências do Mundo, quais aves sem ninho, arrebatando-os a um trilho incerto, vicioso e maligno, dando-lhes, a par de um clima de benefício moral, a certeza do dia de amanhã, proporcionando-lhes a frequência das carteiras escolares e a disciplina da mentalidade a todos, em idade própria de tal frequência:

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Com o exame da 4. <sup>a</sup> classe | 8  |
| Frequentando a 1. <sup>a</sup> classe | 15 |
| » a 2. <sup>a</sup> classe            | 14 |
| » a 3. <sup>a</sup> classe            | 18 |
| » a 4. <sup>a</sup> classe            | 6  |
|                                       | 53 |
| Frequentando a Escola Técnica         | 6  |
| Frequentando a escola nocturna        | 22 |
| Sem idade escolar                     | 6  |
|                                       | 95 |

passando-se a integrá-los, depois, no seu papel de luta pela vida, dando a cada um deles um método de actividade que lhe permite, não só o pão de cada dia, como esse braço que notabiliza o homem pela faina do trabalho:

|                         |    |
|-------------------------|----|
| Sapataria . . . . .     | 2  |
| Rep. públicas . . . . . | 2  |
| Fotografia . . . . .    | 1  |
| Carpintaria . . . . .   | 3  |
| Tipografia . . . . .    | 1  |
| Serralharia . . . . .   | 4  |
| Barbearia . . . . .     | 2  |
| Comércio . . . . .      | 3  |
| Funileiro . . . . .     | 2  |
| Estofador . . . . .     | 2  |
| Farmácia . . . . .      | 3  |
| Total . . . . .         | 25 |

A Casa dos Rapazes recebeu, pois, no seu seio 95 crianças, cujas notas biográficas oferecem o seguinte resumo estatístico:

|   |    |
|---|----|
| Com o pai falecido . . . . .            | 32 |
| Desconhecido o pai . . . . .            | 12 |
| Pai incógnito . . . . .                 | 25 |
| Pais vivos (pobres e doentes) . . . . . | 26 |
| Total . . . . .                         | 95 |
| Com a mãe falecida . . . . .            | 33 |
| Desconhecido o pai . . . . .            | 2  |
| Mãe incógnita . . . . .                 | 2  |
| Mães vivas (pobres e doentes) . . . . . | 58 |
| Total . . . . .                         | 95 |

### AS CIFRAS

Por último as cifras, os números monetários referentes a 1945—

(Conclui na pág. 23)





# Os Desportos náuticos

## NO ALGARVE

De há tempos a esta parte que o Algarve, despertando da modorra em que por muitos anos esteve quanto a desportos náuticos, tem, a menor sombra de dúvida, marcado uma firme posição entre as províncias que praticam a vela desportiva.

O primeiro e grande passo nesse caminho, que antevemos brilhante, foi, como de resto em todo o país, dado pela Mocidade Portuguesa.

A fundação dos vários Centros Especializados de Vela em Portimão, Albufeira, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António e, mais modernamente, também, em Lagos, serviu, não só para instruir na vela de regata centenas de filiados, que, crescendo, se tornaram, alguns, óptimos propagandistas a modalidade, como também para chamar a atenção do público para o lindíssimo espectáculo que uma regata de vela constitui e ainda para estimular, junto de clubes náuticos e de outros que não o sendo, criaram secções náuticas, e deram esplêndida conta de si, o gosto pela vela.

O segundo grande passo, e que foi o que veio proporcionar aos clubes algarvios o seu desenvolvimento, tem sido a política de auxílio posto em prática pela Brigada Naval, oferecendo barcos de regata, das classes internacionais, às agremiações desportivas náuticas e auxiliando-as materialmente na instalação dos seus postos náuticos, de modo a permitir-lhes, e aos seus sócios, umas condições de prática desportiva confortáveis e eficientes tanto sob o ponto de vista pessoal, como no que se refere à conservação material.

Na nossa Província beneficiaram já de tais auxílios o Ginásio Clube de Tavira com barcos, o Clube Naval de Faro, igualmente com barcos, e a Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro com barcos

e com um posto náutico cuja construção será realizada tão pronto as formalidade burocráticas indispensáveis o consintam.

Têm estes três clubes realizado já numerosas provas, não só entre si, como também com a participação da Mocidade Portuguesa, através dos seus vários Centros de Instrução Especializada de vela, ou tomar parte em provas, não só organizadas por esta organização como nas «Semanas de Vela» que em Lisboa anualmente têm lugar.

Numerosa é também a quantidade de provas de categoria, que por força dos seus próprios regulamentos, os clubes têm de levar a efeito todos os anos.

Entre eles, não só pela categoria dos concorrentes como pela sua projecção, avulta a Regata Oceânica Lisboa-Faro, cuja organização tem sido confiada, pela Federação Portuguesa de Vela, ao Clube Náutico de Portugal, de Lisboa, e ao Ginásio Clube Naval de Faro, e que o valiosíssimo auxílio material da Câmara Municipal de Faro e da sua Comissão Municipal de Turismo tem permitido revestir de um notável brilho.

Assim, organiza a Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro o Campeonato Regional de Vela do Algarve na classe «Sharpie» de 9<sup>m2</sup> para o que tem instituído um valioso troféu constituído pela «Taça Almirante Ramalho Ortigão» e o Campeonato da Frota Mosh de Faro com uma Taça de finíssimos lados, oferta do grande amigo de Faro Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, e o Ginásio Clube Naval leva a efeito os Campeonatos Regionais em Snipes e em Vougas, este último de escasso interesse visto que por virtude de só ele ter barcos dessa classe, a prova reveste-se do aspecto de uma regata inter-sócios.

O Algarve começa a ser considerado na vela e é altamente consolador ver a nossa província ascender a um nível consentâneo não com o das suas gloriosas tradições marítimas, como até com o papel que lhe coube nos primeiros passos da marinha de recreio no nosso país visto que, de Olhão eram as tripulações que guarneciam os caíques que, no estuário

do Tejo ensaiaram as primeiras regatas de que entre nós há memória e de que os nossos Reis D. Pedro V e mais tarde D. Luiz e D. Carlos foram grandes animadores.

E essa projecção mesmo quanto à nossa província transcende já os fronteiras. O número do «Yachting Brasileiro», a mais importante revista Sul-Americana da especialidade, no seu número de Setembro ocupa-se do festival náutico levado a efeito em Julho pela Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro, com um desenvolvimento que mostra o quanto o Algarve começa a ser considerado como centro de Vela.

Propositadamente deixamos para o fim o devido encarecimento que a campanha «Rumo ao Mar» tem tido o desenvolvimento dos desportos náuticos nacionais, de que os da nossa província serão um reflexo.

A orientação superior que encontrou no Senhor Comandante Henrique Tenreiro o mais esforçado e dedicado executor tem conseguido trazer Portugal do zero absoluto que, sem qualquer espécie de derrotismo, representava as nossas actividades desportivas náuticas, até à posição já hoje francamente lisongeira que as classificações internacionais obtidas têm assegurado ao nosso País e que continuarão, tudo o faz crer, num crescendo de importância.

E o nível da vela algarvia continuará, estamos certos, elevando-se cada vez mais, tomando por direito de conquista um lugar de destaque aos que lhe têm facultado a prática e o desenvolvimento que o Algarve é digno de todo o auxílio e de toda a atenção que lhe seja prestada.

E. S.

**Sociedade Vidreira  
do Alentejo, Lda.**

Fábrica de lapidação e espelhagem — Molduras, estampas, gravuras e quadros

Sede em Évora Filial em Faro  
R. da Misericórdia, 34



# SOTAVENTO

(Conclusão da pág. 2)

que a virtuosa e dadivosa esposa do sr. Fulgêncio Pires, graças à sua rede de informadores de cajado e farrapos. Compensava-se bem do dispêndio certo dos seus dez tostões samanaís, lá isso!

Naquele sábado de Julho, a face de D. Teodora luzia de calor e de satisfação. De calor, porque a manhã estava que nem se a aquecessem todas as brasas do Inferno. De satisfação, porque a contagem estava certa e as vinte moedazinhas de cupro-niquel iam ser depositas nas palmas das mãos dos pobres do costume, sem precisão de se incomodar a enxotar qualquer adventício ou a proferir, perante um relapso ou um desconhecido, o seu sacramental: «Nã pode ser! O Senhor o favoreça!» Tudo pobres de confiança. Podia abrir, à vontade, a bolsinha, isto é: a cornucópia da sua comisseração, mercê da qual tinha por garantido um lugar entre os justos e os bem-aventurados. Desandada a maior parte dos pensionistas de sacola, D. Teodora, muito digna e muito fresca no seu vestido de algodão, esperou as novas da semana.

— Sabe, senhora D. Teodorinha...?

O primeiro a aproximar-se foi um velho pedinte de Alportel, cujo bócio volumoso não o impedia de percorrer, *pedibus calcanti-bus*, meio Sotavento, senão Sotavento inteiro, de domingo a sábado. Chegara, nessa mesma manhã, de uma das suas viagens periódicas. Escalmorrado, coberto de pó, tresandando a suor, e a sujidade, lançou a nova de espantar:

— Sabe, senhora D. Teodorinha? Diz que rebentô a revolução na Espanha! Ên Alcôtim nã se falava nôtra côsa, ontem...

— Côtados dos espanhós! A republica, também, só tèn servido pa' aquilo! Abre lá a saca! — e a benemérta despejou no bernal do pobre uma mancheia de figos ritada duma alcofa poisada no rebordo do poço, depois de exportular o meio tostão da praxe.

Adiantou-se, depois, uma mulher que, a avaliar pela pele cor de terra e pergaminho, mais engelhada que um fole de harmónica, tanto podia ter cinquenta como cem anos. Claudicava duma perna e apoiava-se a um cajado, como um homem. Se é certo as

bruxas terem fisionomia própria e especial, ninguém, olhando-a, hesitaria em afirmar: «Esta mulher tem cara de bruxa!»

— Sabe, senhora D. Teodorinha? Diz que morrê a namorada do Blé Trigoso... Fô ên Faro, esta manhã, que é ôvi...

A expressão serena e jubilosa de D. Teodora, feita da paz da consciência e da prosperidade da vida, alterou-se, de repente, ante a nova soprada pela velha.

— Quê, Rosa Pia, que dizes tu?

A coxa, farejando alviçaras chorudas pela informação sensacional, asseverou, meneando-se toda em bichancros de linguareira:

— Fô, senhora D. Teodorinha, fô o que é ôvi! Fala-se num desastre no rio. A moça era de Vila Real e é acho que a conhecia...

D. Teodora não queria saber mais nada de mais ninguém. Havia ainda dois alviçareiros a despachar, mas o que a Rosa Pia revelara punha os restantes em inferioridade de circunstâncias. Com um gesto, a benfeitora despediu-os, quase se esquecendo de lhes poisar na mão espalmada a moedazinha da espórtula consabida. Invejosos do êxito da coxa, os dois pobres lá se foram, desapontados, maldizendo da intronete, que os privara de pitança mais rendosa que a do cotio.

— Piresinha, ó Piresinha! — chamou D. Teodora, para cima, mais afogueada pela notícia estonteadora que pela temperatura estival.

— Já vô, já vou!

Um minuto depois, a Piresinha surgia no pátio, açodada pelo cha-

mamento. Ai a Piresinha, quem a viu e quem a vê! Para disfarçar o mais possível as manchas roxas das queimaduras que pintalgavam metade da cara, tornando-a monstruosa e repelente, adoptara uma espécie de coifa que mal lhe descobria as feições, descendo-lhe do alto da fronte, como um reposteiro unido em cima e apertado em baixo, até às extremidades do queixo. De luto por si própria, a Piresinha trajava, agora inalteravelmente, de preto.

— Que fô, minha tia.

— Tás vingada, ên parte! Uma já teve o castigo, que Dês nã dorme! Ora ôve aqui a Rosa Pia!

A' Piresinha contou, então, a mendiga o que já contara a D. Teodora. O demónio devia estar contente, porque a Piresinha exultava de satisfação. Não dizia palavra, enquanto ouviu, porque não queria perder uma gota daquela eloquência de onzeneira que bebia, deliciada, a lentos, saboreados goles, como se bebesse o néctar da vingança que é a delícia dos Deuses. Tim-tim-por-tim-tim, a Rosa Pia explicava como soubera a novidade, onde estava, quando a escutara, quem poderia testemunhá-la. De si para consigo, a Piresinha balbuciava: «Ê fique marcada, mas tu morreste! Agora, falta a ôtra! Mas Dês há-de ôvir-me!» E dava uma palmadinha de contentamento na face poupada pelo vitriolo.

**Bazar Fareense**

DE

**PEDRO M. GEMA**

Brinquedas, bijouterias, novidades

**R. 1.º Dezembro, 52 — Faro**

**Manuel de Sousa Ignez Júnior**

AVENIDA JOSÉ DA COSTA MEALHA, 33 — LOUQUÉ (PORTUGAL)  
Telefone 138

**Materiais de Construção**

**Agente das águas Bela-Vista e Vimeiro**

**Pólvoras**

**Perfumaria**

**Papelaria**

**Artigos para Barbearia, Sapataria, etc., etc.**



# CASA DO ALGARVE

(Conclusão da pág. 19)

ver uma actividade preparatória para a realização do Congresso, na sessão magna que ultimamente efectuou na nossa Sede, com a presença do seu Secretário Geral, Sr. Dr. Mário Lyster Franco, tomou as devidas deliberações e marcou, em princípio, a data de 4 de Fevereiro de 1950 para se levar a efeito tão grande empreendimento. Como do seu programa faz parte a realização antecipada de uma exposição de quadros, a mesma vai realizar-se muito em breve no Palácio Foz, do S. N. I. desta cidade.

## Imprensa

De modo algum queremos deixar de nos referir a toda a Imprensa do nosso País, em especial à de Lisboa e do Algarve, a quem esta Casa bastante deve. Devemos, contudo, destacar o «Correio do Sul», pelo muito carinho com que tem divulgado a vida regionalista da Casa do Algarve, que também é a sua dalém provincia.

Para terminar, aqui deixamos o seguinte apêlo: — «Para o progresso da Casa do Algarve, torna-se necessário que todos os algarvios residentes em Lisboa se concentrem «unidos» à sua volta, visto que é errada a teoria de que como sem regionalistas não é possível praticar regionalismo, este entre os algarvios não poderá restringir-se a uma limitada parcela sem a restante de toda a nossa provincia».

Concluindo, temos o dever de propor à Digníssima Assembleia Geral:

1.º — Que aproveis votos de merecidos agradecimentos: a todos os nossos consócios de Lisboa, Provincia, lhas, Colónias e Estrangeiro, pelo muito interesse e carinho que lhes tem merecido a missão regionalista da nossa Casa; a todos os dedicados colaboradores que, de qualquer forma, concorreram com o esforço do seu valioso trabalho, durante o ano, para o engrandecimento da Casa ao Algarve; a todos os generosos amigos que tão prestimosamente nos distinguiram com as suas dádivas; a toda a Imprensa, à Sociedade de Geografia e ao Museu João de Deus, e a todos os restantes Corpos Gerentes pela preciosa colaboração que sempre nos prestaram;

2.º — Um voto de sentido pesar pelos sócios da Casa do Algarve falecidos durante o exercício.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1950

## A DIRECÇÃO

Amadeu Ferreira de Almeida  
João Bernardino de Sousa Carvalho  
Bartolomeu Guerreiro  
Jerónimo Gregório Marcos  
João Arcanjo Peixe-Rei Rebelo  
João Viegas Faisca

\*

\* \*

## Balanço em 31 de Dezembro de 1949

### ACTIVO

|                               |                    |
|-------------------------------|--------------------|
| <b>Imobilizado</b>            |                    |
| Móveis e utensílios . . . . . | 92.060\$40         |
| Biblioteca . . . . .          | 285\$50            |
|                               | <u>92.345\$90</u>  |
| <b>Realizável</b>             |                    |
| Associados . . . . .          | 5 570\$00          |
| <b>Disponível</b>             |                    |
| Caixa . . . . .               | 3.427\$49          |
| <b>Totais</b>                 | <u>101.343\$39</u> |

### PASSIVO

|   |                    |
|---|--------------------|
| <b>Devedores e Credores .</b>                   | <b>2.783\$65</b>   |
| <b>Empréstimos reembolsados . . . . .</b>       | <b>10.050\$00</b>  |
| <b>Fundo Social . . . . .</b>                   | <b>74.343\$69</b>  |
| <b>Fundo de Beneficencia . . . . .</b>          | <b>348\$40</b>     |
| <b>Fundo Sede Melhor . . . . .</b>              | <b>337\$00</b>     |
| <b>Fundo Cultural . . . . .</b>                 | <b>337\$00</b>     |
| <b>Resultado do exercício de 1949 . . . . .</b> | <b>13.143\$65</b>  |
|   | <u>101.343\$39</u> |

Lisboa, 14 de Janeiro de 1950

O Tesoureiro

(a) Bartolomeu Guerreiro

# A «Casa dos Rapazes»

(Conclusão da pág. 20)

49, desta cruzada singela, mas grandiosa, de dar, a cada criança recolhida, um futuro e uma certeza na vida:

## Despesas:

|      |                    |
|------|--------------------|
| 1945 | 143.140\$91        |
| 1946 | 151.748\$42        |
| 1947 | 185.910\$45        |
| 1948 | 168.511\$00        |
| 1949 | 314.346\$85        |
|      | <u>963.657\$63</u> |

## Receitas:

|      |                    |
|------|--------------------|
| 1945 | 158.614\$68        |
| 1946 | 121.326\$20        |
| 1947 | 203.570\$20        |
| 1948 | 194.146\$55        |
| 1949 | 286.000\$00        |
|      | <u>963.657\$63</u> |

Saldo para 1950 - \$ - -

## Contribuíram: (nos cinco anos)

### Do Estado:

|   |             |
|---|-------------|
| Direcção Geral de Assistência . . . . . | 118.900\$00 |
| Fundo do Socorro Social . . . . .       | 93.602\$00  |
| Albergue Distrital . . . . .            | 428.200\$00 |

### De autarquias:

|                              |             |
|------------------------------|-------------|
| Governo Civil . . . . .      | 120.500\$00 |
| Junta de Provincia . . . . . | 24.830\$00  |
| Câmara Municipal . . . . .   | 46.000\$00  |

### Diversos:

|                             |                    |
|-----------------------------|--------------------|
| Cotisação . . . . .         | 7.410\$00          |
| Rendas e diversos . . . . . | 14.730\$80         |
| Ofertas diversas . . . . .  | 92.653\$55         |
| Cofre internados . . . . .  | 16.480\$40         |
| Juros . . . . .             | 350\$88            |
| <b>Totais . . . . .</b>     | <b>963.657\$63</b> |

Finalizando: receita igual à despesa a sintetisar o eterno espartilho económico, dentro do qual a liberdade de iniciativa, o pensamento de admissões, projectos, etc. ficará estacionário, se a iniciativa particular daqueles que podem regatear maior carinho a esta obra, a bem dos que precisam, continuar indiferente.

# Cândido Corrêa

## ALFAIATE

### FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Rua Braamcamp, 84 r/c

Telef. 46297

LISBOA



# Filmarte

F. Costa, Lda.

ARTIGOS SELECIONADOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

LABORATÓRIOS MONTADOS SEGUNDO A MAIS MODERNA TÉCNICA

Serviço especial para a Província — Livros e Revistas de divulgação fotográfica

249 — R. Augusta — 251

LISBOA

Telegrama: EXPORTATION

Telefones: 12 e 312 — Escritório  
120 — Armazéns

## União dos Exportadores do Sul, Lda

EXPORTATION DE FRUITS SECS

Exportadores de figos, amêndoas e alfarrobas

FARO — Portugal



## Garagem Lisbonense

DE

### VIRGILIO SANTANA

OFICINA DE REPARAÇÕES  
SOLDADURAS A AUTOGÉNIO  
AGENTE MICHELIN  
EST. DE SER. AUTOMÓVEL  
ÓLEOS — GAZOIL — GAZOLINA E ACESSÓRIOS

TELEFONE 6

R. Dr. Frutuoso da Silva, 31

LOULÉ

## António Martins Seromenho & Rosa

CONSTRUTORES CIVIS

Depósitos de Materiais de Construção

TELEFONE 189 — APARTADO 18  
RUA DR. CÂNDIDO GUERREIRO

FARO

## Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º I

|    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|
| 1  |   |   |   |   |   | . |   |   |   |    |    |
| 2  |   |   |   |   | . | F | . |   |   |    |    |
| 3  |   |   | . |   | O |   | . |   |   |    |    |
| 4  |   | . |   |   | T |   | . |   |   |    |    |
| 5  | . |   |   | . | O | . |   | . |   | .  |    |
| 6  | . | F | O | T | O | . | C | I | N | E  | .  |
| 7  |   | . |   | . | C | . |   | . |   | .  |    |
| 8  |   | . |   |   | I |   | . |   |   |    |    |
| 9  |   |   | . |   | N | . |   |   |   |    |    |
| 10 |   |   |   | . | E | . |   |   |   |    |    |
| 11 |   |   |   | . |   |   |   |   |   |    |    |

RUA DE S.ª JUSTA, 107-LISBOA-TEL. 32806

**Horizontais:** 1 — Dou forma de anel — Fruto da amoreira; 2 — Leito — Sucessor de Aba-Berk e segundo Califa de 634 a 644; 3 — Rio italiano, afluente do Pô — Astro luminoso — Agência de Publicidade Artística; 4 — Ruim — Florestas — Perversa (inv.); 5 — Pronome reflexo — Símbolo químico de ouro; 7 — Apelido — Preposição e artigo; 8 — Antes de Cristo — Nome feminino — Pura; 9 — Voz imitativa de pancada — Sufixo de pequenez — Guloseima; 10 — Aniversário — Advérbio de quantidade; 11 — Grupos de folhas das árvores — Saco pequeno.

**Verticais:** 1 — Dispõe em camada — Mercado; 2 — Zero — Caule de várias plantas gramíneas; 3 — Nome feminino — Sósinho — Ruído; 4 — Ali — Ferro — Sem companhia; 5 — Apelido — grito de dor; 7 — Além — Sufixo; 8 — Pedra de moinho — Partida — Corpo sólido que serve para afiar; 9 — Gosto (inv.) — Ligue — Doença; 10 — Tira — Meia dúzia; 11 — Fio metálico — Condimento.

## Casa Pires

JOÃO TERTULIANO PIRES

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS  
TELEFONE 226

Rua Dr. Teófilo Braga, 15 e 17  
Rua do Gaibéu, 23 e 25

OLHAO

A MECANOGRÁFICA

ANTÓNIO GONZALEZ

Unico agente autorizada no Algarve,

das seguintes marcas:

ROYAL — A mág. de escrever N.º 1 do mundo  
FACIT — » que calcula tudo ráp. e certo  
VICTOR — Somador manual e eléctrico  
RONEO — Ficheiros, arquivos duplicadores  
BERKEL — Balanças, besculas e cortadores  
sinónimo de solidez, sensibilidade e precisão.

Reparações e reconstruções em mág. de esc.,  
soma e calcular

R. Alex. Herculano, 30 — Telef. 119 — FARO

PEÇA-NOS ou peça em  
qualquer livreria o me-  
lhor romance de 19481

## Almas e Pão



## Empresa Comercial de Oleos e Bagaços, L.<sup>da</sup>

Extracção mecânica e química de azeites e óleos de bagaço

Fábrica e Escritório: LOULÉ  
APARTADO 2  
Telefone 105

### CASA VERDE

O Estabelecimento de Fazendas mais importante da Província

Fazendas de lã e algodão, sedas, modas e retrozeiro Lãs para tricotar

Rua D. Francisco Gomes — Telef. 33 — Faro

ADELINO  
FRANCISCO  
DA SILVA

R. da CARREIRA

n.º 7

Telefone 56

Fábricas de farinha em rama e de géló LOULÉ

Sociedade de Mercadorias  
do Sul, Lda.

ARMAZÉM DE MERCEARIAS

Artigos escolares, papelaria e miudezas  
Fábrica de confeitaria, licores,  
marmelada e rebugados

L. Dr. Oliveira Salazar — Telef. 109 — Loulé

Pinto & Coelho

23, AVENIDA JOSÉ DA COSTA MEALHA, 25  
LOULÉ

Venda e reparação de móveis  
CARPETES, TAPETES, PASSADEIRAS

Rui Alexandre Garrocho

31 — RUA DO COMÉRCIO — 33

OLHÃO

SAPATARIA

CAMISARIA

CHAPELARIA

— E —

GRAVATARIA

CRIAÇÕES

DE LUXO

Manuel Fernandes Serra

Armazém de Mercadorias por atacado  
Tabacos, sementes, cereais, legumes e frutos  
secos do Algarve

FÁBRICA DE REBUGADOS MARCA Izilda  
Moagem de Café

Teleg. SERRAS — Telef. 32 — Apartado 7  
Rua Miguel Bombarda, 2 a 12  
Rua de Portugal 1 — LOULÉ

**Ourivesaria Seruca**

OURO, PRATA, JOIAS  
E RELÓGIOS

Rua Ivens, 30-32 — FARO

*Paltique*

alfaiataria

BERNARDO GONÇALVES INÁCIO

Rua 5 de Outubro  
LOULÉ



CASA BRANCA TELEFONE  
1 3 2

DE

José de Sousa Inês

(FUNDADA EM 1927)

Lenifícios para Homens e Senhoras  
Famqueiro, Modas e Retrozeiro

5-6, L. Dr. Bernardo Lopes, 7-8 — LOULÉ

Manuel Vieira Condeça

Armazém de BICICLETES e ACESSÓRIOS  
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO  
Vendas por atacado e a retalho  
aos melhores preços do País

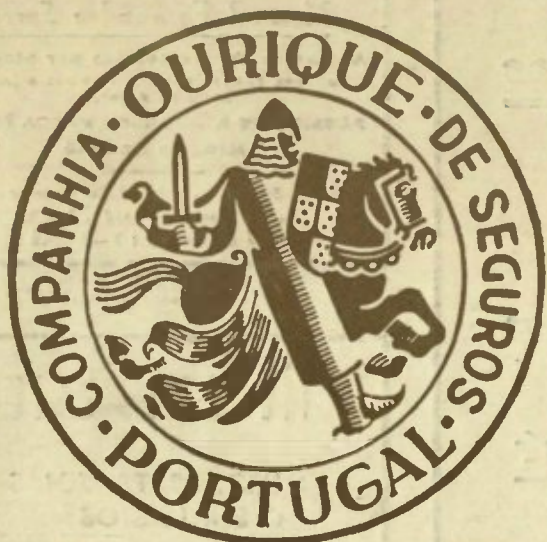
R. Gil Vicente, 12 Telefone 104  
Apartado 10 — LOULÉ  
Filial em PORTIMÃO

*Eduardo João da  
Silva*

Papelaria Livraria  
Artigos fotográficos

Rua D. Francisco Gomes, 32  
Telegramas — Livraria Silva  
Telefone 40 FARO





COMPANHIA DE SEGUROS

OURIQUE

S. A. R. L.

CAPITAL: 5.000.000\$00

Av. António Augusto de Aguiar, 15-1.º

Telegr.: SEGOUR    Telef. 4 5885

L I S B O A

Agências no Conti-  
nente, Ilhas Adjacen-  
tes e Colónias

**Agência Distrital:**

BANCO DO ALGARVE  
F A R O

José de Brito Barracha

Oficina de Caldeireiro

TRABALHOS DE ARTE  
EM COBRE MARTELADO



27, RUA 9 DE ABRIL, 31

L O U L É